



1290000127



FE

TCC/UNICAMP F413c

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

**Criação do Projeto Biblioteca, de 1993 a 2001, na rede municipal de
Campinas e suas implicações no currículo escolar.**

Campinas

2001

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE..	FE
Nº CHAMADA:	YCC/UNICAMP
	F413C
V:.....	EX:.....
TOMBO:	127
PROC:.....	124703
C:.....	D: X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	31/10/2003
Nº CPD:	5012 200212

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildeir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

F413c	Ferreira, Vanessa Fiori. Criação do projeto biblioteca, de 1993 a 2001, na rede municipal de Campinas e suas implicações no currículo escolar / Vanessa Fiori Ferreira. – Campinas, SP: [s.n.], 2001. Orientador : Maria do Carmo Martins. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Bibliotecas escolares. 2. Currículos. 3. Projetos culturais. I. Martins, Maria do Carmo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	01-0218-BFE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Título de Pedagoga à aluna **Vanessa Fiori Ferreira**, sob orientação da Professora Doutora Maria do Carmo Martins.

Não há como deixar de agradecer ...

à Vera e Nelson, meus pais!

Apesar de não estarem mais juntos e não estarem acompanhando o meu término de faculdade, agradeço pela dedicação que sempre tiveram pelos meus estudos, ano a ano fazendo sacrifícios de me conceder um estudo de qualidade e de acreditarem no meu futuro de sucesso.

à Carminha, minha querida orientadora!

Além de uma super- orientadora, uma grande amiga que me ajudou a crescer a cada linha que escrevi deste trabalho. Muito abrigada!

à Lilian, minha segunda leitora!

Agradeço a sua dedicação ao ler o meu texto e suas contribuições ao corrigi-lo.

ao Estéfani, meu namorado!

Pelo carinho e compreensão que teve ao me ajudar na parte técnica do trabalho, desde a máquina que me emprestou para registrar o meu trabalho na Biblioteca, até a configuração do texto no computador.

Às pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho desde os coordenadores do Programa Biblioteca Escolar, professor Valmir e professora Maria Lúcia, a professora Raquel, a professora Sandra que participou da elaboração das atividades junto comigo na biblioteca e todas as demais professoras que trabalharam comigo e aos alunos(as) que participaram do Projeto Biblioteca.

Aos queridos mestres

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado.

SUMÁRIO

Para Além dos Dados	05
Introdução	07
Capítulo I.....	09
Capítulo II.....	24
Considerações Finais.....	47
Referências Bibliográficas.....	49
Anexos.....	52

Para Além dos Dados

“Uma biblioteca”

Uma biblioteca pode estar sem ninguém dentro,
Mas se você ficar bem quieto e atento
Poderá ouvir a pulsação de vida que existe ali.
E se ficar mais concentrado ainda
Vai perceber muitas pessoas querendo falar com você.
Basta topar o papo
E talvez você descubra
Que o que elas tinham para lhe dizer
Era exatamente o que você queria ouvir
Ou até aquilo que você nem imaginava
Que alguém pudesse pensar.
Então vai ficar maravilhado
E vai começar a pensar nessas coisas também.
Ao entrar na biblioteca
Você poderá estar ganhando uma passagem
De ônibus, de trem, de avião, de navio
Ou até de uma aeronave.
E de repente poderá desembarcar
Em Fortaleza, Moscou, Marte ou Madagaskar
E vai conhecer esses mundos e se deliciar.
Mas também pode ser que desembarque
Num lugar que você descobrirá
Mais especial que todos esses de uma vez
E que inclusive está bem mais perto: o seu mundo interior
Aí poderá perceber
Que ele é vasto, misterioso e desafiador
E que vai querer descobri-lo sempre mais e mais
E você vai se conhecer

E vai crescer
E vai compreender melhor,
Não só o seu mundo
Mas o das pessoas que o rodeiam
E você, as pessoas, a vida, “tudo”!
Terá um colorido novo
Que só depende de você querer VER
Basta ler!

(Arlete Aparecida Betini)

INTRODUÇÃO

Entrei em contato com currículo estruturado por projetos quando trabalhei numa escola particular. Antes de conhecer este trabalho a minha prática de sala de aula era com conteúdos fragmentados e estruturados por disciplinas. Ficava um pouco incomodada com isso porque acreditava que o conhecimento humano não é fragmentado e sim é construído ou modificado historicamente e simultaneamente por vários segmentos da ciência. Percebi que o trabalho com projetos elimina a idéia de conteúdos compartimentados por disciplinas e lança uma nova concepção de currículo e conhecimento escolar. Segundo Fernando HERNANDEZ (1998), tanto o professor ou os alunos e alunas é que decidem qual tema a ser trabalhado e ao professor compete ainda a organização da dinâmica do projeto. A decisão coletada precisa ser bem argumentada pela necessidade de ressaltar a importância do tema a ser trabalhado. Quando se trabalha com o tema escolhido, não existe a preocupação de estruturá-lo por disciplinas e sim coletar conteúdos (informações) que dialoguem com o eixo condutor de estudo. Por outro lado, Hernandez reconhece que a metodologia das ciências e das disciplinas científicas diferem entre si e exigem conhecimentos específicos. As informações coletadas pelos estudantes e professores fazem parte de uma estrutura interdisciplinar quebrando com a fragmentação do conhecimento escolar.

Comecei a me interessar por este novo modo de trabalho com o currículo, o que acabou dando motivações para o meu trabalho de conclusão de curso. A primeira idéia era trabalhar com projetos desenvolvidos em sala de aula, mas como a minha atual escola, pública e municipal, não era estruturada por conteúdos disciplinares em formato de projetos no currículo, fiquei um pouco desmotivada a seguir em frente com este objeto de estudo. Quando fiquei sabendo que a prefeitura fornece subsídios para projetos, criados por ela, a serem trabalhados pela escola comecei a ter a idéia de trabalhar no Projeto Biblioteca e estudá-lo no trabalho de conclusão de curso.

Desta forma, começando a trabalhar no Projeto Biblioteca, percebi que a leitura é uma atividade importante e deve ser pensada na escola e também como o Projeto Biblioteca pode ajudar e fazer parte do currículo para ser um instrumento efetivo na dinamização da leitura no cotidiano escolar. Esta pesquisa vem contribuir e

propor aos protagonistas da escola um novo olhar ao que seja um currículo escolar e as dimensões a que um projeto biblioteca possa chegar dentro de uma escola e a sua integração ao currículo.

A biblioteca escolar só tem valor e começa ter significado nas práticas escolares quando os professores(as) conscientizam-se de que este espaço é fundamental na escola, compreendendo-o como um lugar que reúne uma infinidade de acervos, ou seja, uma riqueza de cultura que deve ser democratizada no espaço escolar. Muitos docentes, alunos e funcionários não têm acervos bibliográficos em casa e não tem condições de acessar as informações pela Internet (rede mundial de informação), meio que ainda não é democratizado, usando o único espaço: a biblioteca escolar. Então, essa biblioteca assume uma função de divulgação e pesquisa, empréstimos, leituras ... Mas no meu entendimento, a formação do leitor não pode deixar de ser um compromisso, meta dos professores (as) no cotidiano da sala de aula. Deve-se ter uma interação com o espaço da biblioteca, que pode fornecer materiais para que os discentes e docentes possam realizar, nas práticas curriculares, atividades que envolvam leituras, pesquisas...

Este trabalho – “Criação do projeto biblioteca, de 1993 à 2001 na rede municipal de Campinas e suas implicações no currículo escolar” – está estruturado em três partes que retratam:

Capítulo I - O Histórico do “Projeto Biblioteca na Rede Municipal de Campinas”, em que procura resgatar o Projeto com documentos oficiais e com entrevistas com participantes da implementação do Programa Biblioteca Escolar, numa perspectiva histórica, desde a sua criação até nos dias atuais.

Capítulo II – A configuração do projeto biblioteca no ano de 2001 na EMEF Professora Clotilde Barraquete Von Zuben – uma narrativa de experiência que traz problematizações práticas que foram constituindo o Projeto Biblioteca no cotidiano escolar de uma escola municipal de Campinas.

E as Considerações Finais, na qual destaco algumas das contradições que percebi entre o planejamento e a execução do programa. Em anexo, as entrevistas e alguns documentos aos quais faço referência no projeto.

CAPÍTULO I

O HISTÓRICO DO PROJETO BIBLIOTECA NA REDE MUNICIPAL DE CAMPINAS

Para descrever o histórico do Projeto Biblioteca eu me reportei a documentos e informações coletadas em entrevista realizada com dois professores, da rede municipal de Campinas, envolvidos no projeto desde o seu início. Estes professores são: Valmir Aparecido Contiero e Maria Lúcia Beachiega. Usei também documentos escritos, que mostram como o projeto foi organizado a partir de 1993. São eles: Planos de Trabalho dos Anos de 1993, 1994, 1996, 1997 e 2001; Publicações de Boletins Informativos sobre o Programa Biblioteca; avaliações dos projetos no ano de 1998, 1999 e de 2000; manuais sobre os concursos literários; roteiros de avaliações; informativo da educação na rede de Campinas, em 1995, que publicou as realizações do Programa Biblioteca; jornal Correio Popular que divulgou reportagens sobre o Programa; convites de inaugurações das bibliotecas nas escolas.

Segundo os professores entrevistados, antes de 1993 havia escolas na rede que estavam se organizando com salas de bibliotecas, tendo como prática fundamental as bibliotecas de classe. Estas bibliotecas constituíam experiências isoladas, que não garantiam a expansão do projeto e a divulgação pela rede de ensino. Este movimento no interior de algumas escolas demonstrava que alguns professores(as) atribuíam alguma importância ao instrumento cultural que é o livro e pretendiam trabalhar na direção de ampliar a capacidade de leitura com seus alunos.

O conhecimento que a escola transmite não pode *“residir na cabeça do professor ou entre as capas do manual didático”* (CAMPOS, 1989, p. 82). É esta preocupação, a busca de informações entre os profissionais que deram sentido para construir um espaço especialmente dedicado aos livros nas escolas da rede municipal. A necessidade da escola constituir um espaço de livros tanto para professores quanto aos alunos atende a uma necessidade social que CAMPOS (1989) define muito bem:

“O surgimento e crescimento das bibliotecas para as crianças

coincidem com a grande concentração de massas trabalhadoras urbanas, trazidas pelo desenvolvimento industrial, que aspiram ao acesso a bens culturais. Seja por reivindicações da população, seja pela necessidade de manter crianças e jovens por mais tempo afastados da produção, a sociedade precisa criar equipamentos (escolas, bibliotecas, clubes) que ocupem e eduquem essas crianças. A complexidade de um mundo moderno, a expansão e especialização de muitos ramos do saber levam ao registro dos conhecimentos em inúmeras publicações. O pleno acesso a tantas informações já não poderá ocorrer dentro dos estreitos limites domésticos. Assim, para todas as camadas sociais, desde cedo, o acesso a bibliotecas torna-se imperativo” (CAMPOS, Cláudia de Arruda, p. 81).

Como a autora nos indica, foi quando houve de fato uma mudança nos meios de produção que começou a ser pensado o espaço escolar como qualificador de mão-de-obra e como um divulgador da ideologia dominante. Deste então, passou a ser considerada tarefa escolar na formação dos indivíduos capazes de responderem as exigências do capitalismo industrial. Ela destaca que a busca e a apreensão dos bens culturais é o que gera a necessidade de ampliar espaços que promoveu a produção e a reprodução desses bens. Nesse sentido as bibliotecas, os clubes e as escolas passariam a ser espaços importantes na educação das crianças e jovens, que assegurariam a reprodução dessa sociedade produtiva. Trata-se portanto do desenvolvimento simultâneo da escola e das bibliotecas, considerando-se inclusive que nestes espaços escolares dever-se-ia criar locais para a configuração de acervos bibliográficos especiais.

A biblioteca entra, neste período, na tentativa de fornecer informação que iria educar a mente dos filhos dos operários. A biblioteca escolar começa a ter uma dimensão política dentro das escolas. É importante ressaltar que na Idade Média as bibliotecas existentes eram um local restrito a Igreja e a nobreza. Nestes locais não tinham a função de divulgação de informações mas de um caráter de armazenamento de obras e relíquias se tornando um museu. Esta autora atribui o papel da biblioteca, na sociedade capitalista, como submissa ao modelo econômico. Com essa abordagem

podemos concluir que cada momento histórico foi atribuindo um sentido ao espaço e a utilização da biblioteca.

Pensando o surgimento da biblioteca como um espaço que não seja de inculcar valores e atender plenamente aos ideais burgueses, LERNER (1999) descreve como foi o surgimento das bibliotecas públicas e escolares nos Estados Unidos, Europa, União Soviética e países subdesenvolvidos. Antes do século vinte não havia obras literárias para as crianças e jovens porque o ritual da leitura nas instituições escolares era voltados aos estudos não existindo tempo livre para a prática de leitura. Quando começou a ter um movimento, na Europa, de popularizar a alfabetização e do trabalho infantil não ser mais garantido, começou a se produzir uma maior demanda de leitores que se restringiam ao ler textos bíblicos e educativos. As bibliotecas públicas que existiam neste período estavam em espaços religiosos na qual existia a prática de empréstimos de livros pelas crianças da comunidade.

O que impulsionou a criação de bibliotecas escolares foi a difusão da idéia de uma escola pública e gratuita. E a biblioteca surge como algo complementar às práticas educativas sendo justificada desta maneira:

“Una biblioteca de libros bien selectos, abierta al maestro, los niños y los adultos del distrito en general, para referencia y lectura, completa los recursos de la educación en las escuelas... Sin esos libros, la instrucción en la escuela no es útil en la práctica, y el arte de la imprenta no se pone a disposición de los pobres y los ricos” (BARNARD, apud LERNER, p. 196).

Pode-se notar que a leitura começa a ser bem-vinda ao espaço escolar tanto para os pobres quanto para ricos. Esta prática se torna auxiliadora e complementar, mais um recurso ao trabalho do professor(a), possibilitando ao aluno (a) fontes de informações para os estudos e pesquisas.

A história das bibliotecas mostra que a constituição de acervos destinada ao público de crianças e adolescentes foi criado também em espaços de alojamentos, onde

cuidavam de crianças pobres, como uma forma de oferecer uma alternativa a uma infância tão sofrida.

As práticas pedagógicas tradicionais que forneciam livros- textos padronizados para todos os alunos(as) como uma prática de leitura não havia necessidade de ampliar o acervo das escolas. Com o movimento de uma pedagogia que valorizava os interesses individuais dos estudantes começou existir uma certa preocupação de se ampliar os materiais de leitura na escola. E LERNER (1999) descreve esta questão:

“Muchas bibliotecas públicas establecieron sucursales completas o depositaron pequeñas colecciones en edificios escolares. Otras prestaban libros en gran cantidad a los maestros para leer en clase. Estos esfuerzos, dirigidos fundamentalmente a los alumnos de años superiores, fueron suficientes para convencer a los educadores del valor de prestar servicios bibliotecarios en las escuelas” (p.198).

Observa-se que CAMPOS (1989) defende a questão da produtividade econômica como determinante das práticas de leituras e da construção das bibliotecas como espaços dinamizadores da ideologia dominante. Já LERNER (1999) caracteriza a biblioteca com um espaço que surgiu no interior das escolas para atender às necessidades pedagógicas que estavam sendo criadas num determinado momento histórico. Os dois autores partem de caminhos diferentes na tentativa de explicar a razão do surgimento das bibliotecas escolares e essas singularidades acabam se complementando num olhar mais direcionado para instituição escolar. Este espaço não está isolado ao contexto social. É uma instância que se relaciona com a sociedade nos vários momentos históricos criando as metodologias e concepções que atendem as exigências capitalistas ou se torna um espaço de transformação de valores e condutas.

As escolas municipais de Campinas, enfrentavam na década de noventa do século XX muitos processos de reestruturação, procurando justamente definir suas funções e formas pedagógicas. No período anterior ao ano de 1993, a Secretaria de

Educação do Município de Campinas contava com assessoria do professor Luiz Percival Leme Britto (atualmente Professor da UNISO e presidente da ALB – Associação de Leitura do Brasil), no que diz respeito às práticas de leituras nas escolas. Britto, entrando em contato com a realidade escolar e defendendo a importância da leitura nas escolas, fez contatos com um grupo de estudo composto por professores da rede e convidou o professor Valmir e a professora Maria Lúcia para escreverem um Projeto Biblioteca que seria divulgado por toda rede e posteriormente se tornaram coordenadores do Projeto Biblioteca Escolares. Em 1993 foi escrita a primeira versão do projeto que seria estendido às escolas que se interessassem pela proposta de trabalho incorporada pela prefeitura. A justificativa que apresentaram no projeto foi:

“... os trabalhos estavam isolados, com pouca divulgação e quase nenhuma integração e apoio institucional. A tendência dos projetos era ou de reprodução do padrão tradicional de biblioteca ou de simples desenvolvimento de atividades suplementares de leitura extraclasse, sem uma visão mais ampla de leitura, que tomasse como ponto de partida as particularidades da situação escolar. Foi exatamente com a finalidade de integrar, estimular e redirecionar os trabalhos na área, entendidos como atividade docente, que a secretaria municipal de Educação criou o grupo de trabalho de biblioteca, agrupando todos os interessados em trabalhar na área” (Relatório anual de 1993).

Por esse texto, percebemos a preocupação dos autores do projeto em definir um novo caminho para as práticas de leituras nas escolas da rede municipal. As unidades escolares, pioneiras com bibliotecas escolares, estavam sozinhas sem um apoio institucional da Secretaria da Educação. Por outro lado, os autores do Programa Bibliotecas Escolares, não acreditaram na capacidade de organização das escolas que estavam iniciando a criação de espaços para uma biblioteca escolar e não motivaram para que estas escolas entrassem em contato com outras escolas na rede para trocarem as experiências que deram certo. E desta forma todas as unidades envolvidas poderiam estar participando da elaboração do Programa Bibliotecas Escolares.

Em documentos levantados sobre o tema, vimos o projeto inicial sendo chamado de Programa Biblioteca Escolares e não com a denominação de Projeto Biblioteca. Tudo o que era publicado em boletins ou documentos que eram destinados às escolas era chamado de Programa. A definição de Programa gira em torno de um plano, intuito e projeto. Segundo o dicionário Aurélio é algo: “escrito ou impresso que contém os pormenores dum espetáculo, festa, cerimônia, etc”, ou seja, uma exposição sumária de intenções ou projetos de um indivíduo, de um partido político, de uma organização etc. Isso nos leva a pensar por analogia que programa é um documento escrito contendo um roteiro de um desenvolvimento de uma atividade. Na tentativa de normatizar o funcionamento das bibliotecas nas escolas foram traçadas as diretrizes (objetivos gerais e específicos) desta atividade através de documentos nomeados de Programa Biblioteca Escolar. Quando o Programa era colocado em prática, este acabava se tornando um Projeto Biblioteca porque era readaptado ao contexto escolar e muitas escolas o nomeavam subprojeto.

No Programa Biblioteca Escolar, o projeto aparece como uma parte do desenvolvimento das atividades na rede municipal de ensino. Segundo Fernando HERNÁNDEZ (1998):

“associa aos projetos de trabalho, não como uma metodologia, mas como uma concepção de ensino, uma maneira diferente de suscitar a compreensão dos alunos sobre os conhecimentos que circulam fora da Escola e de ajudá-los a construir sua própria identidade” (p.27)

O termo Programa Biblioteca foi utilizado desde 1993 até no final do ano de 2000. Era um Programa para a Secretaria Municipal de Educação, mas para cada unidade escolar, vimos a importância do projeto para desenvolver esse Programa segundo características de cada unidade. Hoje é visto como um projeto na qual cada escola com a sua autonomia será capaz de produzir um trabalho relevante para aquela realidade escolar.

Os objetivos deste Programa foram escritos em documentos entregues aos professores(as) que atuavam na rede municipal de ensino. Observando documentos dos

anos de 1997, 1999 e 2000, verificamos que são os mesmos objetivos gerais que deles constam não havendo modificações. O texto a seguir foi retirado do documento oficial que foi divulgado em 1997 indicando os objetivos gerais e específicos.

“Objetivo Geral: ampliar o conceito de biblioteca escolar, tornando-a o Centro de Cultura e Referência da escola, promovendo a leitura de estudo, de informação e de prazer a toda comunidade escolar.

Objetivo Específico: promover eventos relacionados com todas as disciplinas, contemplando o Projeto Pedagógico de cada Unidade Escolar; Formar uma biblioteca do professor em cada Unidade Escolar; Atrair os professores e alunos para a utilização da biblioteca; Assegurar os trabalhos das bibliotecas a toda comunidade escolar de cada Unidade Escolar, bem como o supletivo; Oferecer espaços de leitura dirigida à toda Unidade Escolar.”

Dos documentos analisados de 1999 a 2000, os objetivos específicos foram modificados em relação ao documento de 1997. O que se segue é o texto modificado:

“Objetivos específicos: O programa Biblioteca engloba cinco pontos importantes: leitura, alunos, professores, organização e eventos; Dar condições para que as escolas da Rede tenham uma Biblioteca organizada e articulada ao projeto pedagógico; Explorar de forma coerente e eficiente o acervo atual e promover sua ampliação; Ampliar a biblioteca do professor com acervo específico para o trabalho pedagógico; Despertar, através das atividades da Biblioteca, o gosto pela leitura de toda a comunidade escolar; Garantir o trabalho das Bibliotecas (empréstimos, pesquisa, consulta) para toda comunidade escolar; Promover eventos (como por exemplo: exposições, concursos, palestras, feiras de livro, teatro) relacionados com todas as disciplinas, contemplando o Projeto Pedagógico.”

O que podemos notar é que o texto modificado está mais detalhado trazendo um direcionamento mais concreto sobre o que se espera deste Programa nas escolas. Define quais os protagonistas- alunos e professores (as) e o que são trabalhos prioritários a serem desenvolvidos – leitura, organização do espaço da biblioteca e eventos. Também demonstra a preocupação de ter um trabalho na biblioteca integrado ao projeto pedagógico e que contemple a todas as disciplinas buscando a interdisciplinariedade.

As escolas na rede não tinham um espaço que fosse realmente uma biblioteca. Na verdade, as escolas foram planejadas na sua estrutura física somente com salas de aulas, refeitório, secretaria e sala da direção. Esta barreira arquitetônica dificultou a formação de novos espaços dentro da escola. Ocorreram vários improvisos na luta da dinamização da leitura pelo unidade escolar desde cantinhos de leitura na sala de aula, biblioteca nas salas, nos refeitórios, enfim um lugar em que se poderia estar guardando e utilizando os acervos que as escolas dispunham.

Programa Biblioteca: objetivos a serem alcançados e práticas iniciais

A meta inicial do Programa Bibliotecas Escolares, que se estendeu até os dias de hoje, foi de fornecer às escolas construções de salas que se transformariam em bibliotecas e ampliar o número de escolas envolvidas com o Programa. Entre os anos de 1994 a 1996, muitas escolas da rede, tanto do ensino fundamental quanto da educação infantil foram beneficiadas com as instalações das bibliotecas. Foi um período em que ficou marcada na história de cada escola a inauguração das bibliotecas.

Este momento foi de grande significado para cada unidade escolar, conforme atestam os materiais coletados, porque houve um preparo desde a elaboração do convite até o planejamento do que seria realizado na cerimônia de inauguração deste novo espaço escolar. Os autores (professor Valmir e professora Maria Lúcia) do Projeto Biblioteca tiveram uma preocupação de registrarem este acontecimento fazendo um livro que guarda todos os convites de inaugurações que aconteceram na rede. Na escola

, EMEF Professora Clotilde Barraquet Von Zuben, na qual trabalho no Projeto Biblioteca (que será retratado com mais detalhe no segundo capítulo) tem guardado no arquivo da biblioteca um álbum de fotografias que registraram o evento e uma fita de vídeo. As escolas da rede se preocuparam em preparar convites, registraram este evento com fotos e filmagens. O que segue abaixo são fotos tiradas na inauguração da Biblioteca Escolar –Professora Deise Berling Ursini – na unidade escolar EMEF Professora Clotilde Barraquet Von Zuben :



Foto 1 : Cerimônia de abertura da Biblioteca Escolar. A professora que está falando ao microfone é a professora Deise.



Foto 2 – Abertura da Biblioteca Escolar Professora Deise Berling Ursini¹

É válido ressaltar que esta meta inicial do Projeto Biblioteca, construções de espaços para os empréstimos de acervos na rede, não foi atingida por todas as unidades escolares. Atualmente existem escolas principalmente de Educação Infantil que não possuem uma biblioteca, improvisando espaços para guardar livros que vão desde salas das diretoras até refeitórios.

A professora Maria Lúcia relatou, na entrevista, que um período do projeto na rede estava preocupado com o financiamento das construções de novos espaços e que depois do ano de 1996 as escolas tiveram que procurar arrecadar dinheiro em festas, APMs para a viabilização deste espaço não mais garantido pela prefeitura. Este depoimento segue abaixo:

“Em relação ao espaço físico, em 95 e 96 nessa época mais ou menos foram construídas bastante bibliotecas inclusive para Educação Infantil. A secretaria que construiu né, priorizou isso daí

¹ A professora Deise Berling Ursini exerceu a função de Diretora Educacional nesta escola, EMEF Professora Clotilde Barraquet Von Zuben, de primeiro de fevereiro de 1990 à doze de agosto de 1993, deixando o cargo por ocasião da aposentadoria.

e fez. E muitas escolas ainda hoje conseguem ainda construir a biblioteca a partir de festas porque hoje em dia já não, algum tempo desde 96 não se constrói mais. Acho que talvez nem muito espaço de sala de aula, está parado algum tempo já. Então agora que estão começando a construir alguns espaços nas escolas novamente, né. Então o espaço físico assim é muitas vezes construído a partir de festas que a escola faz mesmo, né. Porque doação também é difícil de conseguir. Então vai fazendo festa da pizza, festa do sorvete quando se consegue um espaço”.

No documento oficial do Programa Biblioteca Escolares no ano de 1996 tinha como meta:

“Ampliar o número de escolas participantes do Programa de bibliotecas Escolares para as escolas de Educação Infantil e Supletivos. Ampliar os acervos de literatura, do pré à oitava série”.

Mas estas metas não argumentavam de que maneira isso seria realizado. A prefeitura iria financiar esta ampliação de acervos? Ampliar o número de escolas no sentido de todas terem uma espaço de biblioteca ou um incentivo para as escolas participarem? Isso não fica explícito no documento oficial.

Em algumas unidades, após a definição do espaço para as bibliotecas, os monitores preocuparam-se em programar reuniões com os professores envolvidos com o Projeto para auxiliar e orientar técnicas sobre a organização dos acervos e a sua viabilização na escola. Na entrevista com a professora Maria Lúcia (monitora do Projeto) foi relatado que por muito tempo todos se preocuparam com a parte técnica no Programa e foi deixado de se tratar da questão da leitura na escola e o que a biblioteca pode contribuir para a formação de leitores:

“Outro objetivo também seria a questão de dinamizar a leitura neste espaço. Então até mais ou menos em 97 a gente falava muito sobre a questão da organização, de como está fazendo o atendimento ao aluno, como está organizando o espaço pra que o

aluno achasse o que precisava na biblioteca. Mas a partir dessa época de 97 e de 98 já podíamos ficar mais tranquilos em relação a essa questão da implementação desse espaço, implementação de bibliotecas nas escolas e nos preocupamos ainda mais com a questão da leitura de como está usando a leitura para que os alunos realmente utilizassem tanto pra informação, pra lazer, pra aprendizagem dos conteúdos, os professores utilizassem a biblioteca como suporte pedagógico também para as suas aulas e a preocupação grande em tornar este espaço da biblioteca um centro de referência para a escola toda e para a comunidade”.

Na tentativa de organizar o espaço da biblioteca os monitores distribuíam aos professores apostilas instrucionais de como deveria fazer o tombo dos livros, fichas de empréstimos, um bilhete para os pais informando a importância da biblioteca e as regras de empréstimos de livros, ficha de avaliação, questionários para os professores responderem ...

O trabalho dos monitores, com este projeto que se iniciava, era de organizar reuniões periódicas, de sugerir atividades que a biblioteca poderia desenvolver, promover passeios culturais com os professores, organizar concursos literários para professores e alunos, promover exposições dos trabalhos realizados do Programa Biblioteca de todas as escolas, confeccionar apostilas que auxiliassem o trabalho técnico na biblioteca desde a organização do acervo e registrá-lo no livro tombo até como se pede uma pesquisa ao aluno (a).

Para a biblioteca funcionar era preciso que um professor escrevesse um projeto de trabalho e caso esse fosse aprovado pelo Conselho de Escola ele trabalharia no projeto biblioteca no período de doze horas semanais. No ano de 1999 e 2000 os professores se ausentaram da sala de aula e assumiam todo o seu período de trabalho destinado para a biblioteca escolar.

No final de cada ano é feito uma avaliação pela escola toda sobre o projeto. Havia também (hoje não existe mais) um concurso literário organizado pelos monitores que envolvia os alunos de toda a rede. Os textos premiados eram publicados em

apostilas (como uma apostila xerocada) produzidos e colocados como acervo nas escolas.

Com a nova gestão política em Campinas, comandada pelo partido dos trabalhadores (PT), o Projeto Biblioteca sofreu algumas mudanças. Cada escola, no começo do ano de 2001, teve que decidir se iria continuar com o Projeto Biblioteca funcionando no interior da unidade escolar. O professor responsável pelo projeto não iria sair mais da sala de aula para assumir toda a jornada de trabalho no desenvolvimento do Projeto. O horário de dedicação ao Projeto foi determinado pela prefeitura que seria de doze horas semanais somando com a carga horária do trabalho nas salas de aulas. A Secretaria da Educação com a proposta de dar autonomia para as escolas deixou que cada uma escolhesse quantos professores (as) seriam necessários para que o Projeto fosse desenvolvido com eficiência.

Os monitores estão desenvolvendo outras funções ao Projeto Biblioteca. Não são mais divulgadores de atividades que as bibliotecas possam realizar, mas estão dando um assessoramento nas escolas que estão precisando de ajuda, acompanham de perto o trabalho nas bibliotecas de toda rede fazendo visitas nas escolas, organizam oficinas que discutem a questão da leitura ... Os monitores que, antes da nova administração, estavam afastados das salas de aula, tiveram que voltar a exercer o cargo de professor e isso acabou diminuindo o seu tempo de dedicação à monitoria do Projeto. Com esta nova forma de trabalho relataram que não há mais tempo de se dedicarem e planejarem as atividades que realizavam nos outros anos como a organização do concurso literário, passeios culturais ... Atualmente, cada Projeto Biblioteca que está sendo desenvolvido nas escolas terá a autonomia e criar eventos ou reproduzir as atividades que já foram feitas na rede sem contar com ajuda dos monitores.

Portanto, o Programa Biblioteca Escolares, que surgiu pela iniciativa do Professor Britto e foi garantido pela Secretaria de Educação, não se constituiu por acaso. Na época da implantação deste Programa, na rede de ensino, a educação brasileira estava vivendo sob um novo contexto histórico que era a volta da democracia. Com a abertura política, começaram várias discussões em torno de uma educação que garantisse a formação de alunos(as) críticos, que buscassem informações pelas diversas leituras formando as suas

opiniões a respeito do mundo em que vivem. O autor GIMENO SACRISTÁN (1998) descreve de uma forma clara sobre esta nova preocupação da educação:

“A idéia de uma educação permanente ao longo da vida e a pretensão de ligar a aprendizagem escolar ao mundo no qual se está implica valorizar como conteúdos os hábitos de comportamento que convém fomentar nos alunos/as para que tenham alguma projeção além da escolaridade, como as técnicas de estudo e de busca de informação, o manejo responsável da autonomia pessoal ou os hábitos sociais de trabalhar em grupos”
(p.153)

A educação brasileira, passando por momentos de debates e discussões a respeito de uma nova formação, começa a legitimar a importância da leitura como instrumento de emancipação das classes populares como uma garantia de uma atuação crítica na sociedade. É importante ressaltar que a leitura sempre foi um elemento do currículo escolar, mas sempre modificada a sua função nos diversos contextos históricos, que o autor Hébrard (2000) descreve muito bem o papel da leitura em diferentes momentos históricos-sociais na França desde a Idade Média à Contemporânea:

“A primeira figura do leitor, o ex-aluno dos freis, sabia reler e redizer, por ter aprendido e praticado, sob a forma oral e depois escrita, o corpus católico dos textos rituais (orações, ordinário da missa). “... A segunda figura do leitor, aquela dos anos 1850, formou-se na escola comunicativa, por um professor às vezes saído de uma escola normal. Sabia também ler, escrever, calcular, mas estas mesmas palavras designavam outras habilidades. Também sabia ler as orações, mas era capaz de ler, no ambiente do “café”, as notícias trazidas pelo jornal. “...Durante os anos 1900, a criança da menor cidade tomava por cinco anos o caminho cotidiano da escola. Quando a deixava, munida, em cinqüenta por cento dos casos, do certificado de estudos, levava, com suas ferramentas escolares, (livros, cadernos, penas e lápis), uma classificação nova

dos saberes do mundo, separando claramente ciências e religião. Conhecia geografia, podia situar sua região no mapa da França, falar os nomes das cidades, dos rios e das serras, e saberia, se preciso, onde reencontrá-los no pequeno Larousse ilustrado” (p.74 e 75).

O que podemos notar é que a leitura é um produto cultural que sofreu várias resignificações ao longo das exigências sociais. Desta forma, a escola atual tem um novo papel a cumprir em relação à formação de leitores, e o Programa Biblioteca Escolar foi legitimado pelas escolas para atender a esta nova fase da leitura, ainda que em anos anteriores as escolas municipais já tivessem se organizando em bibliotecas de classe.

CAPÍTULO II

A CONFIGURAÇÃO DO PROJETO BIBLIOTECA NO ANO DE 2001 NA EMEF PROFESSORA CLOTILDE BARRAQUETE VON ZUBEN

O Projeto Biblioteca no ano de 2001 sofreu alterações nas suas estruturas sob o olhar da nova administração da secretaria de educação. Para compor este projeto nas escolas, garantindo a autonomia das unidades escolares, no começo do ano letivo na reunião dos professores (as), estes avaliaram se o projeto era de importância para toda a unidade escolar. Se o fosse ele seria incluído no Projeto Pedagógico.

Na escola em que trabalho, EMEF Professora Clotilde Barraquet Von Zuben², os docentes reunidos no começo do ano, de uma forma unânime, garantiram a permanência do projeto em cima do mesmo discurso : a leitura é importante, os alunos (as) não tem material de leitura em casa... A importância pela prática de leitura na escola ou a seletividade de outros conteúdos depende de cada momento histórico na qual direciona qual conteúdo é valioso para ser ensinado. Nas palavras de GIMENO SACRISTÁN (1998) :

“A seleção [dos conteúdos] considerada como apropriada depende de forças dominantes em cada momento e dos valores que historicamente foram delineado o que se acredita que é valioso para ser ensinado ou transmitido, assim como aqueles valores nos quais se pretende introduzir os alunos/as. Os conteúdos, como toda realidade educativa tal como a conhecemos em suas instituições, nas práticas pedagógicas, não foram criados decisivamente pelo pensamento educativo, mas são, isso sim, frutos de uma história”
(p. 155)

² Esta escola se localiza no bairro Florence II constituído por moradores de classe média –baixa. A escola se localiza ao lado de uma Escola municipal de Educação Infantil –Pequeno Príncipe e de uma invasão. Esta unidade atende alunos do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Supletivo de quinta à oitava série.

Desta forma, o Projeto Biblioteca foi contemplado no Projeto Pedagógico, ou seja, foi “encaixado” no currículo escolar, mas não se garantiu ligações maiores entre o currículo já escrito com o trabalho dela. Isso se refletiu no trabalho que foi desenvolvido ao longo do ano de 2001 que será problematizado ao longo neste texto.

No mês de março, a direção informou a todos os interessados em trabalhar no Projeto Biblioteca, que escrevessem o Projeto de trabalho e o encaminhassem para a direção. Três professoras, incluindo eu, escrevemos o projeto de trabalho. A professora Raquel, que já tinha trabalhado no Projeto Biblioteca no ano de 2000 e se ausentou da sala de aula, defendia a proposta da gestão do ano de 2000, de ter um professor (a) para este projeto e que este deveria sair da sala de aula para se dedicar ao trabalho na biblioteca. A minha proposta era de ter mais professores (as) envolvidos neste projeto e que estes não deveriam se ausentar da sala de aula. Os coordenadores do Projeto Biblioteca na rede, professor Valmir e professora Lúcia, comunicaram às escolas que este projeto poderia ter o número de professores interessados em trabalhar por doze horas semanais mais as horas de trabalho na sala de aula. Com este novo parâmetro, o Conselho de Escola não pode legitimar a proposta defendida pela professora Raquel. Sendo assim, neste novo formato de trabalho, a professora Raquel optou em continuar trabalhando na sala de aula e o Conselho de Escola aprovou as duas únicas propostas de trabalho que a direção tinha em mãos para garantir a continuidade do Projeto Biblioteca na escola.

Para o período da manhã (das sete às onze horas), já estava fechado o quadro de professoras que iriam trabalhar no projeto. Só que nos outros períodos não havia professores (as) para trabalhar. Isto era necessário porque no Projeto Pedagógico da Escola foi contemplada a importância deste projeto na escola e que não deveria ficar fechada a biblioteca nos outros períodos de aula. Este Projeto deveria abranger o atendimento a todos os alunos (as) da unidade escolar tanto no ensino fundamental, supletivo e FUMEC. Desta forma a direção começou a oferecer as vagas para o trabalho na biblioteca sem a cobrança de um plano de trabalho sistematizado por um documento escrito. Sem a necessidade de se pensar numa proposta de trabalho, algumas professoras ficaram motivadas a trabalharem no projeto sem atribuir importância à elaboração de um plano de trabalho para o público que seria atendido. O que parecia

valer mais naquele momento era a oportunidade de poder acrescentar umas horas extras no salário. Podemos dizer que este foi nosso primeiro momento de dificuldade: o Projeto Biblioteca da escola apresentou fragilidade em sua totalidade. Para o período da manhã havia um programa a ser cumprido. Nos outros períodos a Biblioteca assumiu somente o caráter de um espaço para consulta e retirada de livros e revistas. Não desenvolveu articulação com o Programa de ensino. Para GIMENO SACRISTÁN (1998) a elaboração do plano de trabalho é de fundamental importância na prática dos docentes. Diz ele que:

“O plano da atividade educativa, e dentro dela o currículo, é uma competência profissional básica nos docentes. Se não a desenvolvem será porque em sua atividade seguem ou executam planos realizados por outros, ou seja, serão aplicadores e não criadores de planos, limitar-se-ão a reproduzir a ordem ou plano estabelecido ao que eles acomodam” (GIMENO SACRISTÁN, apud APPLE, 1983, p.201).

Desta forma, a direção garantiu duas professoras para os três períodos escolares e uma professora para o período noturno.

Os coordenadores do Programa Biblioteca, da prefeitura, pediram à cada escola que entregasse por escrito o seu “Projeto Biblioteca”. A diretora, da minha unidade escolar, escreveu este projeto, sem consultar as professoras que tinham escrito a proposta de trabalho, para ser um documento anexado ao Projeto Pedagógico e que havia sido entregue aos coordenadores. A diretora relatou que retirou algumas idéias dos projetos das professoras e que as colocou no texto deste projeto da escola. Para GIMENO SACRISTÁN (1998) o planejamento quando é escrito por especialistas que não lidam diretamente com os alunos/as, mais os professores e alunos/as se torna:

“... consumidores e não atores do plano curricular” (p.211). “O professor/a, quando segue planos elaborados por outros, tampouco tem o domínio sobre a sua prática; na verdade, é um executor de planos externos” (200).

Este projeto que foi escrito pela diretora não foi lido pelo grupo de professoras que estavam desenvolvendo este projeto na escola. Este documento foi simplesmente escrito para cumprir as exigências dos coordenadores do Projeto Biblioteca, na rede municipal de Campinas, e para fazer parte do Projeto Pedagógico da escola. Como não foi um documento escrito pelas protagonistas deste projeto acabou sendo um documento sem significado e sem relação direta com o trabalho cotidiano na biblioteca. Se fosse um Projeto escrito pelas professoras seria um plano guia que nortearia todo o nosso trabalho. Verifica-se que a direção estava mais preocupada em atender à burocracia do sistema de ensino no qual a função da direção se constitui no cumprimento das exigências burocráticas e organizativas. Sendo assim resolveu escrever um documento para garantir este projeto na escola, não se preocupando em estar envolvendo toda a comunidade escolar (alunos(as), professores (as) , funcionários(as), pais e mães...) para a composição deste Projeto.

No começo do mês de abril, as professoras que iriam trabalhar no projeto foram convocadas para uma reunião com os coordenadores, professor Valmir e professora Lúcia do Projeto Biblioteca na rede municipal, com a intenção de um esclarecimento deste Projeto na rede, o seu breve histórico, recomendações para o trabalho do Projeto para este novo ano. Foi entregue para cada professor (a), da unidade escolar, um Plano de Trabalho com novos objetivos que seguem descritos abaixo:

Objetivos do Programa Bibliotecas Escolares

A equipe de Assessoramento deverá:

- a-) Fazer um levantamento dos trabalhos das Bibliotecas Escolares a fim de oferecer apoio técnico e pedagógico e reorientar o PBE para o ano de 2002;
- b-) Assessorar os professores participantes do projeto;
- c-) Assessorar os trabalhos das Bibliotecas Escolares;
- d-) Assessorar, por meio de seminários, oficinas, palestras, a todos os profissionais interessados em manter-se atualizado na área de leitura e biblioteca escolar.
- e-) Auxiliar na ampliação dos acervos das Bibliotecas.

O título deste documento mantém a expressão *Programa Bibliotecas Escolares*. Isso nos mostra que mesmo o Projeto sofrendo alterações com a nova

administração, manteve o termo antigo que foi negado na entrevista com os coordenadores que ressaltaram que a palavra Programa não existia mais e sim Projeto. O que podemos observar que estes objetivos diferem dos planejamentos anteriores do Programa Bibliotecas Escolares. Os coordenadores vão garantir a assessoria para as escolas, não promovendo e nem mais organizando os eventos que eram fornecidos para os Projetos nas escolas como: amostras de trabalhos, concursos literários ...

Retornando com o documento entregue pelos coordenadores à escola, começamos a trabalhar no projeto no começo do mês de abril. No primeiro mês de trabalho foi garantida a organização do espaço da biblioteca, que se encontrava totalmente desorganizada. Não sabíamos por onde começar o nosso trabalho porque os livros encontravam-se no chão, havia caixas de livros didáticos (novos), caixas de livros de literatura (mandados pelas editoras), muitos livros didáticos já usados nos anos anteriores, sacos de roupa do bazar que a escola promovera no início do ano, estantes bagunçadas ... Não havia condições de fazer funcionar a biblioteca para os alunos (as), professores (as) e funcionários da escola. A biblioteca se encontrava da maneira como se pode observar nas fotos abaixo:



Foto 3 – Caixas de livros novos (literários) mandados pelas editoras



Foto 4 – Caixas de livros didáticos pelo chão.



Foto 5 – Sacos de roupas que sobraram do bazar que foi realizado no começo do ano letivo.

No mês de maio, a direção pediu para nós começarmos o atendimento de empréstimos dos acervos e que não dava mais para esperar a organização da biblioteca. Estávamos preocupadas em agilizar os acervos novos que chegaram para não guardá-los em um armário fechado mas garantir o uso deles por todos. Como não deu tempo para encapá-los, colocar fichas e envelopes, não podíamos disponibilizá-los para os alunos(as). Tivemos que guardá-los no armário.

O que fazer com tantos livros didáticos usados? Resolvemos, a princípio, levá-los para um espaço, chamado ordinariamente pelos professores (as) de “muquifo”³, porque na verdade este quarto é um banheiro desativado que se transformou em um depósito de livros didáticos velhos, caixas de giz, mimiógrafos, mapas ... Tentamos arrumar os livros em caixas, mas eram tantos que pensamos em doar para os alunos. Levamos esta preocupação para a vice diretora, Simone, que nos deu uma dica de estarmos fazendo uma feira de livros para os alunos (as) vendendo num preço simbólico de dez centavos cada livro didático.

Organizamos esta feira e divulgamos o evento colocando cartazes por toda a escola. Levamos esse assunto para a reunião dos professores (as), que não gostaram da idéia de vender os livros, afirmando que as crianças não iriam comprar pelo motivo de não terem dinheiro ou interesse de comprar livros didáticos. Percebe-se na fala das professoras um estranhamento com os alunos(as) que freqüentam a escola. Não conhecem as práticas de leitura que estes alunos tem, um livro didático é importante ter-se em casa ou não... O ideal para este grupo de professoras era fazer a doação. Mas ressaltamos que precisávamos de dinheiro para a biblioteca para a compra de materiais, já que o Projeto Biblioteca não recebe apoio financeiro da Secretaria da Educação e nem da unidade escolar. Precisávamos de dinheiro para a compra de materiais básicos que uma biblioteca deve ter como: fita adesiva, cola, tesoura, folha de sulfite, folhas para fazer envelopes e fichas dos livros, saco plástico ... Se não conseguíssemos vender levaríamos para a reciclagem. Outra idéia que surgiu era de doar os livros que sobrassem da feira aos alunos (as). As professoras protestaram argumentando que era injusto para aqueles que tinham comprado.

³ “Muquifo” (o correto é moquifo) se refere a palavra moquiço que significa casebre.

Na argumentação das docentes revela-se de uma forma implícita a legitimidade do objeto (livro) como mercadoria valorizada numa sociedade com letramento, capitalista ... Desta forma resolvemos fazer a feira. E foi um grande sucesso! As crianças compraram todos os livros e as professoras ficaram surpresas pelo sucesso e protestaram de não ter livros para os alunos (as) de outros períodos, este protesto significou uma contradição do que afirmaram na reunião.

A intenção desta feira, além de conseguir dinheiro para a biblioteca, era um pouco de se “livrar” do excesso de livros repetidos que estavam ocupando muito espaço na biblioteca e também para que a comunidade tivesse acesso aos livros. Percebemos que os acervos mais utilizados eram de literatura infantil e infanto-juvenil. Os livros didáticos disponíveis na biblioteca eram pouco usados pelos professores(as) e desta forma, sem os consultar resolvemos fazer esta primeira feira de livros. Na hora da venda, muitas crianças quiseram comprar os livros didáticos de outras séries para ter um material garantido para o ano seguinte, para poder estudar em casa. Algumas mães foram à feira na tentativa de procurar livros didáticos, aos seus filhos, para ajudá-los no estudo, como um reforço em casa ou como um complemento da sala de aula. Alguns alunos do supletivo também compraram os livros para terem um material de estudo e pesquisa em casa. A venda total de livros disponíveis na feira veio mostrar que a comunidade escolar (alunos(as) e família) possui uma relação com os livros didáticos, ou seja, interesse pelo material de leitura, necessidade talvez.

Logo no início do trabalho tornou-se claro que um projeto para a criação e consolidação da Biblioteca na escola deve enfrentar dois grandes desafios: a-) Como articular esse espaço de leitura e estudos para os alunos com o currículo que está sendo desenvolvido na escola; b-) Que política deveria ser adotada para configurar e definir os acervos, as coleções e o volume de livros que a Biblioteca escolar deveria ter.

Percebemos que nossa iniciativa de organização estava bastante centrada na visão que os professores tinham dos alunos e quase nada na criação do “leitor”. Era bastante significativo que a Biblioteca escolar tivesse que viver só de doações e que nenhuma estratégia ou recurso administrativo estivesse sendo pensada para ela desde o início da implantação do programa.

Uma semana depois da feira, recebemos uma visita das assessoras da secretária da educação que foram visitar a escola e conhecer de perto os trabalhos que estavam sendo realizados pelos professores (as). Ficaram surpresas ao saberem da feira de livros e sugeriram para que nós escrevêssemos este evento para ser publicado no Boletim Informativo da Secretaria Municipal de Educação de Campinas/Fumec. Não tínhamos o costume de fazer reuniões envolvendo todas as professoras do Projeto e pelo pouco tempo que as assessoras marcaram para o envio do documento escrito, eu e a Sandra ficamos responsáveis na escrita do evento da feira. Levamos este documento, que segue abaixo, que foi entregue para a Secretaria da Educação:

FEIRA DE LIVROS NO PROJETO BIBLIOTECA

Nossa biblioteca estava com muitos livros didáticos junto ao acervo, no chão, em caixas, espalhados sobre as mesas.

Como tínhamos o objetivo de organizá-la, ansiosas por iniciar o desenvolvimento do projeto e procurando solução para organizar este material, colocamos num primeiro momento, no nosso “muquifo” (um banheiro desativado que guardamos materiais escolares). Como este local ficou repleto, sem que se pudesse entrar nele, buscamos junto com a vice diretora Simone, uma solução, esta sugeriu que vendêssemos e com o valor arrecadado comprássemos materiais para viabilizar o trabalho junto ao acervo que havia chegado (tombo, bolso, fichas, plásticos para encapar ...)

No TDC daquela semana, expusemos a idéia, que não foi bem vinda, pois algumas professoras acharam que não conseguiríamos vender esse material, por uma idéia errônea

de que os alunos não tivessem dinheiro. Argumentamos que seria uma tentativa e que o que não fosse vendido, venderíamos para reciclagem. Foi sugerido que os livros não vendidos seriam doados. Mas não foi aprovado pois não seria justo com quem comprasse e que provavelmente ninguém mais compraria nada na escola.

Então, vendemos e foi um sucesso!!!!!!!!!!!!

Colocamos no período da manhã aproximadamente 400 livros e conseguimos vender todos a dez centavos cada.

Fizemos cartazes em sulfite anunciando o evento e colamos nos portões, no pátio, refeitório e porta da biblioteca. Compareceram pais, alunos de primeira e segunda séries, professoras da própria unidade escolar e da EMEI ao lado.

As crianças ficaram desesperadas quando acabaram os livros e queriam mais livros para comprarem. Alguns dias depois do evento tinha crianças perguntando se estava vendendo livros e quando ia vender de novo.

Não sobraram livros para o período intermediário e estamos aceitando doações para que possamos cumprir com a promessa de que faremos novo evento no período intermediário e noite, em breve.

Estamos amando este trabalho!

Professoras: Ivete, Naná, Nilce, Sandra, Soraia e Vanessa.

O que segue abaixo é o texto que foi publicado no caderno de notícia da rede de ensino de Campinas:

Feira de livros faz sucesso no Barraquet



Com o retorno dos Projetos, que está sendo lento em função de demandar um amplo debate em torno dele, começa uma nova etapa, na qual o que está proposto no papel ganha um novo significado para a comunidade escolar. Foi o que aconteceu na EMEF Clotilde Barraquet Von Zuben, onde um grupo de professoras que estava desenvolvendo uma atividade de organização da biblioteca, prevista no Projeto Pedagógico da escola, se viu com a necessidade de se desfazer de uma grande quantidade de livros didáticos.

A vice-diretora sugeriu uma feira voltada para alunos. Num primeiro momento houve certa resistência, pois parte dos professores acreditava que não haveria procura pelos livros.

A feira foi realizada e, para surpresa dos profissionais da escola, foi um sucesso. Foram vendidos mais de 400 livros a um preço simbólico de 10 centavos cada.

A participação de pais e alunos – e mesmo de profissionais de outras unidades – foi tão boa, que a comunidade reivindica a realização de novas feiras. Animadas, as professoras estão organizando uma campanha de doações para que possam repetir o evento em outros períodos.

Observa-se que o texto original foi modificado para atender as exigências de um texto informativo (em formato de notícia), como se a Secretaria de Educação tivesse interesse em socializar as atividades do Projeto Biblioteca por toda rede. Sendo

assim, a Secretaria da Educação tem a preocupação de divulgar atividades que foram desenvolvidas e publicá-las na tentativa de garantir as trocas de experiências por toda a rede de ensino.

No primeiro dia que abrimos a biblioteca para os empréstimos, sugeri para a minha colega de trabalho, professora Sandra, que conversássemos com os alunos sobre o que é biblioteca, as regras de funcionamento, apresentar a organização dos livros ... No início a professora Sandra achou um pouco desnecessário conversar com os alunos (as), mas presenciando a minha conversa, logo participou falando algumas coisas para as crianças sobre o cuidado que devem ter com os livros, o que acontece com os livros que estão estragados...

Quando perguntávamos o que era a biblioteca para as crianças ouvia-se as mesmas respostas: “é um lugar que tem livros”. Indagávamos porque a biblioteca tinha livros e as respostas eram sempre as mesmas: “serve para a gente ler, para levar para a casa, para aprender, para saber ler, para estudar”. Uma única resposta encontrada entre todos as classes era que a biblioteca serve para pesquisar. Isso nos revela que o entendimento pela biblioteca fica restrita ao um “espaço” que guarda livros para serem utilizados de várias maneiras. Mas o que não ficou claro é que a biblioteca não é só o espaço físico e sim as coleções que ela possui. Sem coleções, pública ou privada de livros, ela não existiria. Isso é perceptível quando foi relatado no primeiro capítulo que as escolas que estavam inseridas no Programa Biblioteca não tinham um espaço para a organização das coleções, mas estavam garantindo o uso deste acervo em formas de empréstimos e pesquisa.

Quando as crianças entraram na biblioteca encontraram uma mesa cheia de livros para eles escolherem, mas antes tiveram que olhar o espaço e observar os livros nas estantes. Como se arrumava os livros? Mas de que maneira? Algumas crianças descobriram que tinham etiquetas que identificavam que tipo de livros estavam ali. Com esta apresentação, as crianças exploraram mais o espaço da biblioteca mexendo nas estantes além de olhar para os livros que estavam esparramados sobre a mesa. Houve alunos(as) da primeira série que quiseram levar livros literários que tinham uma complexidade de leitura que não se aproximava da literatura infantil com textos menores e ilustrações que são materiais de leitura mais atrativos nesta faixa etária.

Decidimos não interferir na escolha dos alunos(as) porque a atividade visava a aproximação com os livros e a tomada do espaço da biblioteca como algo importante no cotidiano escolar.

A professora Raquel, que trabalhou no projeto biblioteca no ano de 2000, relatou numa entrevista a sua experiência sobre a seleção dos livros para os leitores:

“Bom, a gente acostuma, eu costumava lhe dar com o próprio programa, dos coordenadores do programa de separar mais ou menos por idade, né. Agora isso não impedia que um aluno que tivesse começando a ler e quisesse pegar um livro maior um livro que não fosse da faixa etária dele pegar. Ele tinha todo o direito e eu estimulava a levar mesmo porque eu tenho um exemplo do meu filho que tem cinco anos e ele pegou um dia os Sertões de Euclides da Cunha e ele queria ler e ele queria ler! Como é que você vai ler? Eu pensei. Como? Na verdade, ele queria, ele tinha assistido o Castelo Rati Bum uma cena que se passa dentro da biblioteca e que o gato, o gato que é o bibliotecário lá do Castelo Rati Bum pega o livro do doutor Vitor, um livro de magia que era um livro mais grosso que tinha. Então quer dizer, se de repente eu impeço ele de trabalhar esse lado da imaginação dele de pegar um livro, porque era o meu livro O Sertões, e era um livro que ele poderia estragar ou ele não ter condições de ler, claro que ele não teria condições de ler mas ele teve pelo menos o prazer de pegar e quem disse que a criança que vem para a biblioteca e quer levar o livro mais grosso, o livro mais pesado não é para brincar? Não é no sentido de ter o prazer de pegar o livro e falar esse o meu livro é de magia, é o livro do doutor Vitor. Quer dizer, eu sempre deixei levarem mesmo os adultos a levarem livros infantis porque são etapas que foram queimadas na formação deles de leitores por isso eles não tiveram oportunidades de ler esses livros mais infantis. Então, eu deixava por idade, mais ou menos por faixa etária mas sempre deixei eles a vontade o que eles tiveram. Depois eu procurava a conversar somente quando eu percebia que a mesma criança sempre pegava o mesmo tipo de livro. Procura estimular a avançar um pouco no nível de leitura, né. E mesmo o adulto sempre procurando, deixando ele a vontade mas procurando orientar essa leitura que eu acho isso importante. Deixar simplesmente ele levar só o gibi para casa? O gibi é legal, gostoso, mas sempre é só isso que ele vai ler? As vezes ele não leva uma outra coisa porque ele não teve com quem conversar. Alguém que fale - olha este livro de repente você vai gostar tem um assunto interessante”.

A professora Raquel, vem ao nosso encontro na concepção de que os alunos de diferentes idades, tem o direito de levarem os livros que quiserem. Ela narra uma experiência vivida com o filho que acabou originando uma reflexão na relação do

leitor com o material de leitura e que passou a ser refletido no trabalho da biblioteca. Ela começou a compreender a visão do público que atendia na biblioteca e a partir disso auxiliá-los na escolha dos livros.

Na semana seguinte, só iam à biblioteca as crianças que tinham retornado com o livro que emprestaram. Os alunos(as) que esqueceram os livros não podiam pegar os livros e nem ter o direito de ir à biblioteca. Essa prática me incomodava porque excluía as crianças que não tinham levado o livro de freqüentar um espaço diferente da sala de aula e legitimava um caráter disciplinar que é exigido nas salas de aulas. Já a prática de ir à biblioteca só era no dia marcado na semana não existindo outro espaço para as crianças usarem a biblioteca com as suas professoras. Só algumas crianças freqüentavam a biblioteca no período do intervalo para ler gibis, livros e olhar os atlas e revistas. Essa prática, me impulsionou a garantir o uso da biblioteca para todas as crianças da sala de aula.

Tentei inovar! Levei toda a classe para a biblioteca e convidei a professora para acompanhá-los. Combinei com as crianças de que aqueles que não haviam trazido os livros deveriam aproveitar o tempo da biblioteca para ler enquanto o restante usava o tempo para escolher o livro para levar para casa. No começo foi difícil, tumultuado, crianças brincando. Mas com o passar do tempo, aprenderam a usar aquele espaço para a leitura. No início muitas professoras acompanharam a sala, mas a maioria ficava “vigiando” o comportamento dos alunos. Mas por que estas professoras tinham este comportamento? O que se evidencia é que as docentes, ao visitar a biblioteca, relacionavam-se com este espaço mantendo um distanciamento, estranhamento, porque a biblioteca era vista como um espaço descolado da sala de aula, como um evento e não como uma atividade relacionada ao conjunto de atividades que as professoras desenvolvem com os seus alunos(as). Somente duas professoras se dedicavam em estar auxiliando os alunos na escolha dos livros, dando dicas de algumas histórias interessantes ou indicando livros com poucas escritas com a finalidade de treinar a leitura e até mesmo pesquisando materiais na biblioteca como um recurso para a preparação das aulas. Este problema é relatado na entrevista com a professora Maria Lúcia:

“Um ponto negativo que a gente sempre sentiu, mas acho que é uma coisa difícil de acabar né, é que muitos profissionais que não se envolvem né, com o projeto que está sendo desenvolvido na escola ou que realmente acham que quem é responsável por aquela leitura é o professor que está desenvolvendo o projeto né. Esses profissionais eles além de não colaborar com o trabalho né, não cooperar com a dinamização da leitura, com o trabalho de leitura, com os alunos, eles ainda ficam fora de discutir, de ampliar o seu conhecimento sobre o assunto também”.

Na hora do intervalo, a biblioteca ficava aberta e algumas crianças se aproximavam da porta e pediam a autorização nossa de mexer nos livros ou lê-los. Sempre falei que a biblioteca era deles e podiam entrar a hora que quisessem.

No decorrer do trabalho na biblioteca, a direção solicitou que o Projeto Biblioteca assumisse uma sala de aula que estava sem a professora, por motivo de ausência da docente. Este trabalho deveria ser de leitura e ficaria a meu critério a seleção do conteúdo. Neste momento, eu estava sozinha trabalhando na biblioteca. Argumentei que a biblioteca iria atender uma sala de aula, além disso estaria ocupada para organizar os acervos nas prateleiras e que a biblioteca não deveria estar fechada no horário de intervalo das crianças porque elas utilizam este espaço para fazerem leituras. Mesmo assim, a direção convocou a professora da biblioteca para atender um problema na escola. Mas como estava envolvida no meu trabalho não fui desenvolver nenhuma atividade. Pensei muito sobre este acontecimento e cheguei a conclusão que o papel de leitura na escola, especificamente nesta unidade escolar da qual estou descrevendo o trabalho, serve para “tampar buracos”. Estas crianças iriam se relacionar com a leitura, naquele momento, como uma atividade secundária que estaria substituindo a ausência da professora titular para eles(as) não ficarem sem fazer nada na escola. Como desde o início a biblioteca foi “encaixada” no Projeto Pedagógico, ela também deve ter a função de cumprir as necessidades da escola. Neste caso o Projeto é subordinado às exigências improvisadas no cotidiano escolar. Uma outra professora que trabalha na biblioteca e que atende a turma da sexta série, do período intermediário, foi também solicitada pela direção de estar desenvolvendo algum tipo de atividade para uma classe de sexta série que estava numa aula vaga porque um professor havia faltado.

A direção, preocupada com esta questão, marcou uma reunião com as professoras do Projeto Biblioteca para o esclarecimento desta decisão descrita acima. A direção manteve a argumentação de que a biblioteca deve servir às necessidades da escola e que o trabalho a ser feito com estas classes seria muito valioso porque estaria introduzindo um momento da leitura que é um dos objetivos deste projeto na escola. Este discurso da direção deixa bem claro que a sua relação com o projeto é sempre instrumental, tomão como um mecanismo que auxilia a manutenção da normalização do ambiente escolar e sua organização.

No final do semestre, eu e a professora Sandra planejamos uma atividade de contar histórias para as crianças. Porque acreditávamos que esta atividade é de fundamental importância para a motivar as crianças no universo da leitura a ABRAMOVICH (1993) justifica esta prática de contar histórias:

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo ... (p.16) ... É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em as ouvem – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar ... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!” (p. 17)

Mas para ficar interessante, esta atividade, resolvemos nos fantasiar de bruxa e de Dona Benta - do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Escolhemos dois livros para serem contados para as crianças de primeira e segunda série. Foi um sucesso! Fomos muito elogiadas pelas professoras e as crianças se envolveram muito nas histórias contadas. As docentes do período intermediário solicitaram para que esta atividade fosse realizada para os alunos(as) de terceira e quarta série. Como participávamos das reuniões com estas professoras, resolvemos ler dois livros para elas escolherem a história a ser lida para as crianças. As fotos que seguem são da atividade descrita:



Foto 6- Momento da leitura para os alunos.



Foto 7- Momento da leitura para os alunos.

As atividades que diferenciavam-se dos empréstimos tinham a intencionalidade de promover outras práticas de leitura, já que sentíamos que os acervos de literatura eram pouco usados pelos professores para o trabalho na sala de aula. Mesmo tendo a intenção de promover atividades novas na biblioteca, as outras professoras que estavam no projeto realizavam só empréstimos. Não tínhamos o costume de nos reunirmos quinzenalmente para uma reunião e discutirmos os problemas e as atividades que poderíamos desenvolver de uma forma unificada, porque os horários de trabalho das professoras não coincidiam para se fazer uma reunião num horário vago, com o grupo inteiro. Desta forma o trabalho na biblioteca ficou fragmentado. Cada professora fazia o seu trabalho de acordo com a sua vontade e o que entendia por Projeto Biblioteca – garantir o empréstimos de livros e fornecer material para pesquisa dos alunos e professores (as).

No mês de agosto a professora Sandra sugeriu uma atividade da biblioteca de resgatar junto com as crianças, as músicas folclóricas que conheciam. Paramos com o empréstimo de livros por uma semana e começamos a conversar com cada sala sobre as músicas. Perguntávamos para as crianças quais músicas conheciam e cantávamos. Depois elas tinham que escolher uma música que seria apresentada para as outras classes. Se tivesse mais uma música para ser escolhida fazíamos uma votação. Pedimos para as professoras que ensaiassem com as crianças para apresentarem no último dia de agosto.

No mês de setembro, mudei a minha prática de empréstimos de livros. Acrescentei ao meu trabalho, um momento com a classe inteira, de estar conversando com as crianças sobre os livros que vinham lendo. A dinâmica era das crianças contarem se gostaram ou não da história e justificar. No início, muitas crianças ficaram com vergonha de falar e só algumas arriscavam em dizer algo sobre o livro. As respostas encontradas eram as mesmas: “o livro é legal” ou “livro é chato”. Sempre indagava porque achavam o livro legal ou chato. E as respostas que apareciam eram : “o desenho dos animais é feio, eles são muito magrinhos” , “o texto é muito grande e fiquei cansado de ler”, “gostei da parte da história que conta ...” Essa nova maneira de trabalhar com as crianças na biblioteca, possibilitou aos alunos(as) estarem pensando no que leram e a partir disso construir opiniões e críticas. A ABRAMOVICH (1993) argumenta esta prática relatando:

“Pois é preciso saber se gostou ou não do que foi contado, se concordou ou não com o que foi contado ... É perceber que ficou super-envolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho...) ou saber que detestou e não querer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata, tão boba ou tão sem graça... É formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma idéia, um assunto ... E há tanto que analisar, o que discutir, o que fazer a criança perceber, opinar criticamente. Em relação à história: se boa, se interessante, se palpitante, se boba etc” (p.143 e 144).

No segundo semestre, a biblioteca precisava de dinheiro para a compra de materiais e a reposição dos gibis, pelo motivo de ser um acervo muito procurado pelos alunos(as) da escola, os que tínhamos estavam muito velhos, sem capas e faltando páginas. Mesmo a escola recebendo uma verba do governo estadual, a biblioteca não foi incluída para receber algum dinheiro para a compra de acervos e de materiais. A justificativa da direção era que a biblioteca se encaixava na verba destinada a compra de materiais pedagógicos e ficaria a critério dos docentes de cada período escolar de escolher qual material pedagógico é necessário para os alunos(as). As professoras envolvidas no projeto, tiveram que fazer uma lista de acervos que a biblioteca não tinha e fazer uma certa propaganda da importância deste materiais na biblioteca. Mas o que conseguimos foi a indicação de um livro porque o levamos para a reunião das professoras e lemos para o grupo. No momento das escolhas dos materiais, uma professora criticou a compra de livros porque a biblioteca tem muitos acervos e não há necessidade de comprar mais livros e sim vídeos infantis. Percebe-se que esta professora atribui pouco valor a compra dos livros que a biblioteca não possui. A biblioteca está cheia de livros, mas será que este acervo é de boa qualidade literária? Para ela esta questão não importa, o que vale é o quantitativo e não o qualitativo. A biblioteca tem um acervo de vídeo com fitas infantis, documentários, filmes nacionais e estrangeiros, mas o número de fitas de vídeo na biblioteca é pequena. Mesmo tendo uma política de compra de vídeos, como material necessário para aquele grupo de professoras, acabou se tornando uma decisão frágil porque enfrentará os mesmos problemas na configuração do acervo de livros (sem verbas). Sendo assim a biblioteca

tem que ser um espaço dinâmico (reposição, compra ... de acervos) e acabou ficando submissa às decisões dos docentes e não tendo autonomia, pela verba, de estar escolhendo os materiais que ela não possui e quais precisam estarem sendo repostos.

Desta forma resolvemos promover uma Segunda Feira de livros para a arrecadação de dinheiro para suprir as necessidades do Projeto Biblioteca. No primeiro momento, comunicamos aos professores(as) através de cartazes de estarem fazendo doações de livros e revistas para a segunda feira de livros. Conseguimos bastante livros (didáticos e de literatura) e revistas para serem colocados na feira. Esta feira foi realizada no período intermediário, na qual vendemos os livros a cinquenta centavos. Com o dinheiro arrecadado com as vendas pudemos comprar materiais para agilizar os acervos novos e de estar repondo os gibis.

Nas poucas reuniões que fizemos junto com as integrantes do Projeto Biblioteca, planejamos promover um “Concurso de Múltiplas Linguagens” na qual cada período da escola iria escolher um tema para ser trabalhado com os alunos. Os nossos objetivos eram de promover uma trabalho coletivo e integrado entre os professores(as) e quebrando a prática escolar da fragmentação dos conhecimentos por disciplinas. Os alunos(as) já sensibilizados com o tema, que foi desenvolvido na sala de aula, iriam produzir um trabalho que teriam a oportunidade de escolher qual produção lingüística que os agradam mais, como: história em quadrinhos, narrativa, poesia, desenho, trabalho com sucata. Para cada período da escola a biblioteca estaria premiando três alunos(as) com livros de literatura. Esta proposta foi bem aceita entre os professores(as) e os temas de trabalho dos períodos na escola ficaram em volta da questão da violência, paz e valorização da vida. A premiação está prevista para o final do ano letivo.

Outras atividades que serão realizadas no mês de dezembro, como fechamento do Projeto Biblioteca serão a exposição dos trabalhos do Concurso de Múltiplas Linguagens, as fotos e miniaturas das várias ferrovias no Brasil de um senhor, que é um colecionador, e que ofereceu a fazer esta exposição para a professora Soraia – que desenvolve o projeto biblioteca para os alunos(as) de quinta a oitava série. Também será realizado um teatro do Sítio do Pica-Pau Amarelo e hora do conto para toda a comunidade escolar.

O Programa Biblioteca Escolar tem o seu fechamento no final do mês de novembro numa avaliação junto com os Coordenadores do Programa, professor Valmir e professora Maria Lúcia, com o objetivo de retirar desta avaliação coletiva e individual um novo caminho a ser traçado pelo Programa Biblioteca Escolar no de 2002. Esta avaliação foi comentada pelo professor Valmir:

“Hoje com a entrada da nova administração nós não temos opinião formada de como está o projeto. Este diagnóstico que estamos fazendo ele será amplamente discutido no final do ano com as assessoras da secretaria da educação. Por que? Cada escola, hoje, foi dada a cada uma das escolas uma autonomia. Então cada biblioteca terá a cara daquela escola. Mas no final do ano que nós podemos falar direito”.

Desde quando foi lançado o Programa Biblioteca Escolar na rede Municipal de Campinas, foram traçados objetivos que foram dando formato a este Programa nas escolas. A primeira meta foi garantir a construção das bibliotecas nas escolas e a orientação da organização deste novo espaço escolar. Foram lançadas várias diretrizes de trabalho no interior das bibliotecas escolares e o patrocínio de vários eventos como concursos literários, visitas às exposições de obras artísticas, amostras de trabalho de todas as bibliotecas envolvidas nos Programa. Houve uma preocupação também de garantir uma avaliação anual deste Programa nas escolas, junto com todos os professores da unidade escolar.

Mas pouco foi pensado que a biblioteca deveria ter uma autonomia financeira para decidir quais acervos que atenderiam ao público leitor que a frequenta e não ficar dependente de doações de editoras, professores ... Outro ponto a ser levantado é que nunca ou raramente o professor (a) foi chamado para pensar simultaneamente o que deve ensinar e a estrutura que deve existir para que esse ensino ocorra. Também o quanto a articulação entre um projeto que pode dar suporte as práticas cotidianas de sala de aula, pode aos poucos configurar-se numa parceria importante para a dinâmica escolar. HERNÁNDEZ (1998) ao escrever o currículo estruturado por projetos de trabalho relata a importância da biblioteca escolar como fonte de pesquisa e

dinamização das informações importantes para que os projetos tenham uma base para ser desenvolvido pelos professores(as) e alunos(as):

“... quando se iniciou o trabalho por Projetos, foi transformada a biblioteca numa Sala de Recursos, da qual o aluno [professores(as)] se valia cada vez que necessitava buscar informações em torno de um tema” (p. 76) ... “... Especialmente no que se refere à Sala de Recursos, que, a partir da elaboração dos Projetos, adquire um importante papel ao converter-se numa referência indispensável para a busca de informação, tanto para os alunos como para os professores... Sala de recursos é uma “ferramenta fundamental para o trabalho pedagógico do centro, dada a necessidade de diferentes materiais na ausência do livro-texto por matéria” (p.157).

O que se observa particularmente na escola em que desenvolvi o trabalho no Projeto Biblioteca, é que os professores não tem o costume de serem pesquisadores de informações necessárias para o cotidiano escolar. Simplesmente usam livros didáticos que legitimam um ensino conteudista e que o professor(a) não precisa criar a sua prática e sim se torna consumidor de um material que não atende a realidade dos alunos(as). A partir dessa prática, a biblioteca se tornou um espaço sem significado para as práticas escolares. O professor Valmir defende o papel da biblioteca como fonte dinamizadora do conhecimento cultural quando relatou na entrevista:

“Nós também gostaríamos de falar o seguinte que sempre falamos para os professores, que o nosso grande sonho seria que se o currículo da escola fosse montado a partir da biblioteca. Porque na biblioteca tem toda a história da escola, tem toda a história de cada disciplina. Então, por que não, cada disciplina montar o seu currículo em cima da biblioteca. Não queremos que a biblioteca seja um suporte pedagógico da escola? Então, ela não é um centro de cultura da escola? Porque não então esse currículo ser montado a partir da biblioteca?”... Com eu já disse anteriormente, se nós quisermos que a biblioteca seja um centro de cultura e o suporte pedagógico porque não sair de dentro da biblioteca um currículo pra escola? Mas para isso acontecer as pessoas tem que realmente,

elas devem vestir a camisa e trabalhar em cima disso. Eu acho que as pessoas precisam entender o que é que elas estão fazendo na escola, quem eu sou dentro da escola? Enquanto as pessoas não entenderem que elas tenha lá um poder político muito grande elas não vão encampar nenhum projeto de ensino, nenhum projeto educacional. Acho que realmente as pessoas elas precisam se perguntarem: quem eu sou dentro da escola? O que eu posso contribuir pra tornar essa criança um cidadão, um cidadão crítico que saiba criticar, que saiba ler. Acho que a partir do momento que se possa vestir a camisa pode se sair um projeto de ensino da biblioteca. (Valmir)

Mas se não houver um trabalho com os professores(as), será quase impossível de se pensar numa escola onde construa um currículo a partir dos materiais culturais que estão na biblioteca. Para que este Projeto Biblioteca cresça a sua importância para um trabalho integrado ao Projeto Pedagógico e as práticas cotidianas com os alunos, é necessário a Secretaria Municipal de Educação responsável pela rede municipal esteja mais atenta ao Projeto e o inclua numa agenda política/administrativa, para evitar que a Biblioteca seja ordenada a partir somente da boa vontade dos professores e alunos(as).

Considerações finais

O Programa Biblioteca Escolar surgiu dentro de um contexto histórico na qual o país estava vivendo uma abertura política e na qual a escola deveria estar refletindo o seu papel de formação. A questão da leitura surge como um instrumento importante na formação de um cidadão, como fonte de libertação e de questionamentos em relação ao mundo que vivemos. Este Programa privilegia a presença de uma biblioteca na escola como um espaço que deve ser explorado por todos que fazem parte do universo escolar. Mas o que encontramos é uma prática desvinculada do Projeto Biblioteca que tem o seu papel definido nas relações escolares de desenvolver e garantir a dinamização da leitura e a formação de um leitor. Sozinho este Projeto nunca vai alcançar estes objetivos. Ele precisa fazer parte, ter uma função política e não ser “encaixado” no Projeto Pedagógico como um evento a mais que a escola desenvolverá no ano letivo.

A maior dificuldade é manter uma relação entre a biblioteca e professores(as), porque muitos não tem o hábito de fazer pesquisas, procurar materiais que podem auxiliá-lo na sua prática. Apenas se fecham ao mundo do livro didático como a única fonte de conhecimento que a escola disponibiliza para o seu trabalho na sala de aula. Não percebem que a biblioteca é um espaço rico de múltiplas informações que possibilitará o exercício de poder criar as suas aulas e materiais para alunos(as), não ficando preso em cumprir todo o conteúdo de um livro didático que muitas vezes não dá conta de explicar a realidade em que seu aluno encontra ou até mesmo as informações e notícias que circulam na mídia. HERNÁNDEZ (1998) afirma a importância de :

“... ampliar a visão pedagógica que trata de vincular as aprendizagens com o entorno físico, social e cultural próximo dos alunos. Essa superação implicou abrir-se a todo tipo de informação e temáticas, fomentar o ensino dos procedimentos, reconhecer que a escola só é capaz de cobrir uma parte das necessidades dos estudantes e assumir que são eles que irão dotando de recursos para intervir numa realidade complexa e mutante. O entorno, numa sociedade na qual a informação circula por

múltiplos canais e de uma forma quase imediata e a qual a maioria das pessoas tem acesso, restabelece o caráter do que pode ser considerado como “o próximo” aos alunos” (p159 e160).

Para que o Projeto Biblioteca se torne um elemento verdadeiramente significativo para todos os protagonistas da unidade escolar é preciso que tenha investimento para a formação continuada entre os docentes na qual deve-se refletir o papel do professor(a) como um sujeito pesquisador e autônomo em relação aos desafios que a Biblioteca lançou. Desafios que coloquem aos docentes como criadores das suas práticas e não meros receptores de conhecimentos elaborados por indivíduos que não fazem parte do cotidiano escolar.

Portanto, o Programa Biblioteca Escolar é um tema rico que deve ser explorado por mais pesquisadores. A minha pretensão não é de fechar ou até mesmo concluir um assunto valioso e aberto para novas discussões, mas de ressaltar que o Projeto Biblioteca tem a sua função política nas escolas que foi elaborado desde o seu surgimento até os dias atuais, mas que infelizmente os objetivos não são contemplados pelas várias relações no cotidiano escolar que acabam constituindo um outro significado, uma nova existência e legitimação deste Projeto nas instituições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny

Literatura infantil –gostosuras e bobices, São Paulo: Scipione, 1993.

AGUIAR e BORDINE, Vera Teixeira de e Maria da Gloria

Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CAMPOS, Cláudia de Arruda e **MARIA** de Lourdes Leandro Bezerra

Bibliotecas Escolares: um espaço estratégico **in:** GARCIA, Edson Gabriel (org) –
Biblioteca Escolar – estrutura e funcionamento, São Paulo: Loyola, 1989.

CARVALHO, Adalberto Dias (org.)

Construção do projeto de escola, Porto Alegre: 1993

CAVALCANTE, Zélia

A construção do projeto pedagógico da Escola da Vila, Porto Alegre: Revista Pátio,
ano I, número 0 (fevereiro/abril), 1997.

FOUCAMBERT, Jean

O que a escola precisa saber (e fazer) para formar leitores, São Paulo: Revista Nova
Escola, Abril, 1993.

FRAGO, Antônio Viñao

Bibliotecas e cultura escrita – o discurso bibliotecário sobre a leitura, Revista Pátio,
ano 4, número 14 (agosto/setembro), 2000.

GIMENO SACRISTÁN, José

Compreender e transformar o ensino, Porto Alegre : Artmed, 1998.

HÉBRARD, Jean

Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural in: ABREU, Márcia (org.) – *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando

A organização do currículo por projetos de trabalho, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

HERNÁNDEZ, Fernando

Como os docentes aprendem, Porto Alegre: revista Pátio, ano II, número 4 (fevereiro/ abril), 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando

Repensar a função da escola a partir dos projetos de trabalho, Porto Alegre: revista Pátio ano 2, número 6 (agosto/outubro), 1998.

LAVORATO, Simone Pannocchia T.

Antigas histórias, novas leituras: projeto “Odisséia”, Porto Alegre: Revista Pátio, ano I, número 0 (fevereiro/abril), 1997.

LERNER, Fred

História de las bibliotecas del mundo. Desde la invención de la escritura hasta la era de la computación. Troquel, Argentina, 1999.

SACRISTÁN, José Gimeno

Docencia y Cultura Escolar – Reformas y modelo educativo, Los materiales y las condiciones de enseñanza (capítulo 4), Lugar Editorial S.A., 1997, Buenos Aires.

SIGNORELLI, Vinícius

Currículo - Um caminho que envolve muitas responsabilidades, Porto Alegre: revista Pátio, ano I, número 0 (fevereiro/abril) 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro

Ensino e biblioteca, Revista Releitura, número 10, junho, 1997.

WALTY, Ivete Lara Camargos

Os sentidos da leitura, Revista: Presença Pedagógica, julho/agosto, 1995.

ANEXOS

Entrevista com o professor Valmir e a professora Lúcia, ambos monitores do projeto biblioteca na rede.

1-) Como surgiu este projeto na rede e como foi a sua entrada no projeto?

“O programa biblioteca escolares, ele surgiu na rede em 1993. Antes desta data havia escolas que tinha algumas bibliotecas e essas bibliotecas então, em 93, começaram a fazer parte deste projeto. Na época era projeto biblioteca. Em 93 eu e a Lúcia e vários professores nós cuidávamos das bibliotecas nas nossas escolas. No final de 93, o Percival que acessorava todo este grupo ele pediu para escrevesse um projeto que seria lançado em 94 e pediu se a gente gostaria de escrever e fazer parte disso. Nós decidimos que sim e no ano seguinte então ele nos chamou. A Gláucia como estudante de biblioteconomia ela ficou sendo a coordenadora e eu e a Lúcia e mais duas professoras como monitores. Continuamos na sala de aula e éramos monitores da Gláucia e foi assim que surgiu a nossa entrada também” (Valmir).

2-) Quais foram os objetivos iniciais do projeto e se esses objetivos se mantiveram ao longo do projeto e quais outros foram sendo implementados ao longo dos anos?

“A preocupação inicial foi implantar as bibliotecas nas escolas. Tanto nas escolas de Educação Fundamental quanto na Educação Infantil, inclusive supletivos também, muito. deles na maioria utilizando prédios do ensino fundamental de primeira a oitava e a noite usava o supletivo. E a preocupação implantar sempre foi grande desde começo até hoje ainda é ,mas a maior parte das escolas ainda não tinham espaços próprios. Hoje uma parte já tem, outras utilizam espaços de refeitórios, espaços junto a salas de diretores e corredores, mas já tem um espaço onde possa tá sendo dinamizado a biblioteca. Então esse objetivo foi durante um tempo muito grande. Outro objetivo também seria a questão de dinamizar a leitura neste espaço. Então até mais ou menos

em 97 a gente falava muito sobre a questão da organização, de como está fazendo o atendimento ao aluno, como está organizando o espaço pra que o aluno achasse o que precisava na biblioteca. Mas a partir dessa época de 97 e de 98 já podíamos ficar mais tranquilos em relação a essa questão da implementação desse espaço, implementação de bibliotecas nas escolas e nos preocupamos ainda mais com a questão da leitura de como está usando a leitura para que os alunos realmente utilizassem tanto pra informação, pra lazer, pra aprendizagem dos conteúdos, os professores utilizassem a biblioteca como suporte pedagógico também para as suas aulas e a preocupação grande em tornar este espaço da biblioteca um centro de referência para a escola toda e para a comunidade” (Lúcia).

3-) Como foi a sua atuação no projeto biblioteca?

Inicialmente nós prestamos muito assessoramento ao trabalho nas escolas, nas bibliotecas. Durante todo esse tempo nós fomos também implementando porque nós começamos a ler muito sobre leitura, começamos a participar muito de congressos, de seminários, de encontros. E começamos a ter várias idéias por exemplo: levar o professor à fazer visitas culturais, à museus, à livrarias etc, a outras bibliotecas. Todo final de ano nós começamos a pedir para os professores fizessem uma amostra a rede toda, todas as bibliotecas. Nós dávamos um tema e o professor então no final do ano mostrava isso. Todas as bibliotecas eram levadas para um espaço e todo este trabalho era mostrado. Nós também incentivamos muito nas escolas os concursos literários tanto pra professores quanto pra alunos. Começamos também a dar palestras sobre leitura e biblioteca. E até hoje desde aquela época até hoje nós também oferecemos oficinas de leitura tanto pra rede enquanto pra pessoas interessadas, pessoas de fora. Hoje com a entrada da nova administração nós não temos opinião formada de como está o projeto. Este diagnóstico que estamos fazendo ele será amplamente discutido no final do ano com as assessoras da secretaria da educação. Por que? Cada escola, hoje, foi dada a cada uma das escolas uma autonomia. Então cada biblioteca terá a cara daquela escola. Mas no final do ano que nós podemos falar direito” (Valmir).

A diferença básica que a gente percebe assim, que antes nós organizávamos bastante com as amostras, com os concursos, as visitas culturais que a gente levava os

professores à São Paulo, pra feira de livros, amostras de arte. Então a gente tinha assim um tempo maior também pra tá fazendo este tipo de atividade. Hoje, a gente tem um tempo menor para o projeto também porque estamos na sala de aula também, mas então organizamos este trabalho assim mais centralizado, por quê? Cada escola está definindo quais atividades querem participar ou querem fazer ou desenvolver. Então cada uma vai fazer ou não, vai dar continuidade ou não as atividades que já haviam fazendo com nossa orientação (Lúcia).

Só uma dúvida, antes vocês estavam fora da sala de aula dando assim ... sendo monitores desse projeto. Agora, hoje este ano estão na sala de aula fazendo monitoria (Vanessa)

Isso, monitorando o trabalho e verificando como que pode se, como que as escolas podem estar montando, é planejando o trabalho da biblioteca de acordo com as suas necessidades. Coisa que a gente sempre valorizou também, mas agora não vai ser uma coisa assim tão centralizada a numa equipe de acessoramento pra ajudar a escola a descobrir sue caminho de como tá construindo a sua biblioteca, o seu espaço de leitura. E conseqüentemente estar fazendo um projeto de leitura para a escola (Lúcia).

Para o próximo ano! (Valmir)

4-) O que houve de positivo e negativo com o projeto biblioteca na rede?

Positivo né, em primeiro lugar é o envolvimento das crianças e dos alunos de modo geral com a leitura. Nessas escolas que já têm o projeto a bastante tempo, então o aluno que entrou na primeira série lá e conheceu o espaço e toda a semana vai retirar o livro e tal. Conforme vai passando o tempo, vai passando os anos ele vai se envolvendo mais com aquele trabalho lá. De tá lendo com a pesquisa, da leitura em si mesma, tá levando os livros para a casa. E as vezes troca de livro mais de uma vez por semana, mas depende muito do trabalho que é desenvolvido com aquele aluno na escola logicamente. Mas assim os alunos hoje tem muito mais contato com o livro, se envolve mais com a leitura, do que no começo do projeto. Assim a gente ouve direto

dos professores, né, quando eles fazem uma avaliação com os relatos que existe esta grande melhoria aí (Lúcia).

Na escolas onde nós temos bibliotecas, na escola da prefeitura, se esse aluno ele vai para à escola do Estado ele cobra na escola do Estado por que que lá não tem biblioteca (Valmir).

Pergunta quando vai ver livro na biblioteca, porque já está acostumado, já tem o hábito né. E outra coisa legal também assim que hoje as escolas e bibliotecas são muito mais organizadas tem muito mais acervos, os profissionais que trabalham, hoje, têm uma visão bem mais ampla do que seja leitura. Todos os professores que passaram pelo projeto, orientadores pedagógicos que se envolveram, diretores que se envolveram com o trabalho e outros professores também das escolas onde o projeto foi desenvolvido. Os que se envolveram realmente conhecem hoje um trabalho de leitura bem diferente do que tinha antes, né. A importância de leitura não só como forma de estar lá lendo pra aprender ou aquele conteúdo, mais também a importância do conhecimento de mundo que a criança adquire tudo.

Um ponto negativo que a gente sempre sentiu, mas acho que é uma coisa difícil de acabar né, é que muitos profissionais que não se envolvem né com o projeto que está sendo desenvolvido na escola ou que realmente acham que quem é responsável por aquela leitura é o professor que está desenvolvendo o projeto né. Esses profissionais eles além de não colaborar com o trabalho né, não cooperar com a dinamização da leitura, com o trabalho de leitura, com os alunos, eles ainda ficam fora de discutir, de ampliar o seu conhecimento sobre o assunto também. Então isso muitas vezes atrapalha o trabalho porque eles vêm com uma visão que está tão ultrapassada, que já discutiu tanto nas reuniões, nas oficinas, nos TDs, as vezes são discutidos também alguns assuntos a respeito quando tem espaço na escola. Mas de repente quando eles aparecem numa oficina de leitura ou alguma situação e comentam alguma coisa que já ficou tão pra trás que infelizmente eles não acompanharam. Isso atrapalha um pouco o trabalho da escola porque isso mostra que não tem um trabalho em grupo, uma cooperação pra que o trabalho de leitura seja feito. (Lúcia)

5-) O projeto biblioteca é desenvolvido como um tópico da sala de aula ou como um complemento da sala de aula?

Esta é uma questão um pouco complicada porque a gente sempre discutiu em nossas reuniões a importância de se socializar e de se fazer um planejamento com a escola do trabalho de leitura, com a escola toda. Nas escolas de Educação Infantil muitas vezes isso é mais tranquilo de se fazer porque todos eles vêem a importância de se desenvolver a leitura tanto da imagem, a leitura da palavra escrita, a leitura de gesto, leitura do mundo, a leitura de modo geral. Mas a escola de Educação Fundamental fica mais complicado porque existe as disciplinas que são muito “truncadas”. Então muitas vezes a gente ouve coisas assim : sou professor de Matemática, Português é que tem a ver com a questão da leitura, não é comigo. Ou então sei lá, uma outra disciplina Educação Física, o que tem a ver com a leitura? Então não existe uma integração realmente da escola para que se forme, passe a ser o projeto de leitura como a gente está pensando que seja feito para o ano que vem, que cada escola faça o seu. Muitas vezes a biblioteca, assim a biblioteca sempre foi um dos projetos mais na rede, mais valorizados em termos de se colocar no projeto pedagógico. É importante porque alunos não têm acesso do livro em casa, o aluno não tem contato com livro, tal. Mas geralmente é assim nesses termos. Só que geralmente o que fica, o que acontece é que fica no projeto pedagógico só, e quem realmente se importa né e trabalhe com a leitura, e tenta fazer um trabalho na escola é o professor que acaba participando do projeto e desenvolvendo o projeto na biblioteca. Essa é uma questão realmente difícil, que deveria ser um trabalho de sala de aula. E que todas as disciplinas necessitam da leitura, né. Só que acaba sendo assim, acaba ficando uma coisa dependendo. Logicamente tem escola que faz um trabalho de leitura, né , mas são poucas que conseguem fazer esse trabalho já hoje. E acaba ficando uma coisa extra-classe a não ser com a boa vontade com o discernimento de alguns professores que falam – não vamos trabalhar com isso daí, vamos discutir que livros que vocês gostaram, porque vocês gostaram, vamos fazer um trabalho em cima do livro que foi feito ou um trabalho de Educação Física em cima também de alguns livros que trabalhem assuntos de Educação Física. Educação Artística né, uma leitura de algum poema, por exemplo. Mas tem alguns professores que fazem um trabalho legal mas assim também são poucos, perto do que poderia ser feito já que tem espaço na maioria das escolas, um espaço de biblioteca muito bom, com bons acervos como a maioria tem.

Nós também gostaríamos de falar o seguinte que sempre falamos para os professores, que o nosso grande sonho seria que se o currículo da escola fosse montado a partir da biblioteca. Porque na biblioteca tem toda a história da escola, tem toda a história de cada disciplina. Então, por que não, cada disciplina montar o seu currículo em cima da biblioteca. Não queremos que a biblioteca seja um suporte pedagógico da escola? Então, ela não é um centro de cultura da escola? Porque não então esse currículo ser montado a partir da biblioteca? (Valmir)

Uma vez né, uma das amostras nós propusemos um trabalho interdisciplinar a partir de um livro de literatura. Foi muito complicado. O pessoal assim pichou demais a idéia.

Compramos uma briga!(Valmir)

Uma briga tremenda porque a gente sugeriu que escolhessem um livro na biblioteca, escolhessem livros que desses livros pudessem tirar vários temas e escolher um tema depois pra trabalhar em todas as disciplinas e aí então procurar outros livros também tivesse com esse tema. Então seria um trabalho mesmo de pesquisa né, em cima de uma livro inicial que fosse de literatura. Então teve muita complicação o pessoal achou difícil. Achou que foi complicado fazer. Mas os trabalhos que realmente saíram foram pra começo foram muito bons. Se a gente fosse continuar esse ano nos mesmos modos a gente ia dar continuidade pra esse trabalho logicamente que arrumando as coisas que não deram muito certo porque foi uma proposta, uma primeira proposta, mas que foi uma idéia que foi interessante só que sabe que quem fez este trabalho né, dá pra contar nos dedos os que continuam fazendo desta forma. E tinha escolas de Educação Infantil principalmente que a gente sabe que já faziam esse trabalho antes porque elas já trabalham muito com a literatura né, de tirar os temas dos livros de literatura e trabalham com livros toda semana né, assim por mês quais os temas vão ser trabalhados já pegam todos os livros de literatura que vão ser trabalhados. Realmente é um trabalho interdisciplinar. Já na Educação Infantil né, não tem uma coisa estanque de Matemática, Geografia, História e uma coisa acaba não tendo nada a ver com a outra da forma como é trabalhada (Lúcia)

6-) Quais as cobranças feitas pelos professores que trabalhavam no projeto?

Acho que em termo de cobrança assim que, o que acontecia muito era em termo de acervo e espaço físico né. Mas assim era uma cobrança feita pra nós porque nós estávamos diretamente assim trabalhando com eles mas era logicamente direcionado à Secretaria , né. Porque ficou muito tempo sem comprar livro para as biblioteca. Então assim muitas campanhas nós andamos fazendo durante esses anos né, o ano passado teve três campanhas grandes que a gente fez. Então assim era pra tá suprindo as necessidades das escolas que tinham menos condições de comprar ou de adquirir de alguma outra forma , né. Mas assim percebia que muitas vezes as escolas esperavam que a gente fizesse a campanha e eles não faziam junto aos professores também e tentar buscar o material.

Em relação ao espaço físico, em 95 e 96 nessa época mais ou menos foram construídas bastante bibliotecas inclusive para Educação Infantil. A secretaria que construiu né, priorizou isso daí e fez. E muitas escolas ainda hoje conseguem ainda construir a biblioteca a partir de festas porque hoje em dia já não, algum tempo desde 96 não se constrói mais. Acho que talvez nem muito espaço de sala de aula, está parado algum tempo já. Então agora que estão começando a construir alguns espaços nas escolas novamente, né. Então o espaço físico assim é muitas vezes construído a partir de festas que a escola faz mesmo, né. Porque doação também é difícil de conseguir. Então vai fazendo festa da pizza, festa do sorvete quando se consegue um espaço.

O que o pessoal pedia muito pra gente também e ainda pede é sugestão de atividades, tá. Pra determinadas questões que eles têm por exemplo: como vou fazer com que o aluno de quinta série se interesse mais pela leitura tal, ou então gostaria de fazer uma oficina com professores e o que poderia ser feito? Então em termos de resolver problemas que eles as vezes não conseguem ter a idéia de tá resolvendo né, sabe que a gente tem mais tempo de experiência principalmente os mais novos projetos. Fora isso outras cobranças geralmente não tem. Só quando a gente apertava um pouco né, em termos de amostra vamos fazer amostra então? O pessoal ficava bastante ansioso porque tinha um tempo pra tá fazendo isso. Fora isso nunca teve muita cobrança.

(Lúcia)

7-) A biblioteca pode ser um projeto de ensino?

Com eu já disse anteriormente, se nós quisermos que a biblioteca seja um centro de cultura e o suporte pedagógico porque não sair de dentro da biblioteca um currículo pra escola? Mas para isso acontecer as pessoas tem que realmente, elas devem vestir a camisa e trabalhar em cima disso. Eu acho que as pessoas precisam entender o que é que elas estão fazendo na escola, quem eu sou dentro da escola? Enquanto as pessoas não entenderem que elas tenha lá um poder político muito grande elas não vão encampar nenhum projeto de ensino, nenhum projeto educacional. Acho que realmente as pessoas elas precisam se perguntarem: quem eu sou dentro da escola? O que eu posso contribuir pra tornar essa criança um cidadão, um cidadão crítico que saiba criticar, que saiba ler. Acho que a partir do momento que se possa vestir a camisa pode se sair um projeto de ensino da biblioteca. (Valmir)

Começa é que a gente vê muita dificuldade de professores por exemplo, estarem encaminhando alunos pra fazerem uma pesquisa por exemplo na biblioteca sem ter entrado para saber o que tem lá dentro. Então assim se é esse já é o problema básico né, não orientando o aluno a como pesquisar. Eles vão lá fazem cópia né. É um problema sério que a maioria das escolas enfrentam, então o que a gente vê assim se a situação é assim. Tá meio longe de se conseguir, infelizmente, que se produza e que se discuta um projeto de ensino a partir da biblioteca, né. São coisas básicas que não acontecem e seria interessante, com certeza, funcionaria. Mas precisa que realmente que a escola como um todo queira trabalhar em cima disso. Trabalhar em cima de acervos, do conteúdo que tem lá dentro, as atividades que são propostas pela biblioteca no caso e aí dá pra fazer muita coisa assim todas as disciplinas em todos os conteúdos. Talvez as disciplinas não sejam tão truncadas, tão separadas uma das outras e tenha um trabalho coletivo né. (Lúcia)

Os professores eles trabalham separadamente dentro da escola. Só vou citar um exemplo. Uma amiga minha dá aula de Ciências e ela estava ensinando planeta água. O planeta é azul e etc e tal. Pedi para a professora de Educação Artística trabalhar a cor azul com os alunos. Olha infelizmente não estou trabalhando com as cores primárias no momento e fique para uma próxima vez. Quer dizer, não há uma integração, né. Cada um é um dentro da sala de aula. Discuti-se, tem um discurso muito

bonito entre todos os professores, mas a hora que você entra na sua sala , você tranca e você faz o que você bem entender dentro da sua sala. Quer dizer, quem sai perdendo infelizmente é o aluno. (Valmir).

E o professor também né, porque poderia enriquecer tanto o seu trabalho, poderia aprender, poderia ampliar tanto o conhecimento em relação a outras disciplinas que ele fala que não é da parte dele lá. Mas infelizmente isso acontece. Então é complicado em pensar um projeto de ensino ainda baseado assim e partindo da biblioteca enquanto existe este tipo de problema dentro da escola. (Lúcia)

Entrevista com a professora Raquel, que trabalhou no projeto biblioteca no ano de 2000, na escola EMEF professora Clotilde Barraquet Von Zubem.

O meu nome é Raquel Aparecida Bueno da Silva, eu sou professora de Língua Portuguesa, a mais ou menos dezoito anos. Trabalhei sistematicamente no projeto que é programa biblioteca escolares da rede municipal no ano de 2000. Mas eu sempre trabalhei com biblioteca de classe sempre eu tive um trabalho voltado a biblioteca, tá. Trabalhei em escolas onde não havia uma biblioteca então não tinha como criar esse espaço então a saída era umas caixas de livros. O ano de 2000 tive a oportunidade porque aqui na escola já havia o programa biblioteca escolares e se aproximou mais daquilo que eu acredito como projeto para o desenvolvimento de leitura. Os projetos na rede sempre foram como eles estão mais ou menos neste ano, várias pessoas trabalhando e a minha crítica sempre foi com relação a isso o trabalho fica segmentado, seccionado e agente não consegue dar continuidade num processo que você perde o controle. NO ano passado que eu realmente trabalhei dentro de uma biblioteca, mas sempre trabalhei com livros em sala de aula.

O que é o projeto biblioteca para você?

Nos moldes que a rede municipal de ensino que Campinas tem realizado eu acho que é uma oportunidade de estar levando para os nossos alunos de periferia e principalmente para a comunidade o acesso ao livro o acesso a biblioteca. Biblioteca ela sempre foi encarada e foi vista na maioria das escolas como um espaço fechado onde se guardava livros o aluno não pode mexer no livro ele tem que ficar bonitinho na estante.

E este projeto dentro da rede ele tem uma cara completamente diferente que é realmente do aluno mexer no livro, da comunidade entrar, pegar o livro, levar para a casa. Se o livro fica bonitinho na estante significa que ninguém está mexendo. Então eu acho que esse projeto na rede ele tem esta cara de tá dando um acesso as pessoas conhecerem, poderem manuzear o livro eu acho que é isso ... só tem coisas positivas neste projeto.

E como foi o seu trabalho no ano de 2000 neste projeto?

É o meu trabalho como dinamizadora de leitura foi assim foi pra mim super gratificante. Até na avaliação eu coloquei o que aconteceu neste ano modificou a minha vida, sem demagogia, porque eu consegui fazer um trabalho legal, diferentes pessoas que usam a escola e que usavam a escola puderam freqüentar a biblioteca desde o pessoal da cozinha, aos guardas, aos professores, aos alunos e a comunidade em geral que vinham para ler jornal, que vinha para ler revista. Então foi uma relação com essa comunidade achei que se aproximaram bastante da escola porque ela ficou aberta para que essas pessoas pudessem virem apesar de ser um período de aula mas foi um negócio legal. A exemplo também da FUMEC a noite que passou a freqüentar mais a biblioteca porque passou a ficar aberta quase todas as noites, então o aluno da suplência 1 e da suplência 2 passaram a freqüentar e a curtir este espaço que até então era um espaço imaculado né. Foi uma experiência muito legal e que me marcou muito.

O projeto biblioteca deveria ser desenvolvido com tópico da sala de aula ou como complemento da sala de aula, no seu ponto de vista?

Olha eu como professora de português eu acho que tem sendo desenvolvido como um tópico na sala de aula eu acho que tem que estar lá dentro da sala de aula porque o livro não dá para separar eu não consigo separar o livro da biblioteca da minha aula. Mas eu não sei se uma coisa exclui a outra mas de repente tem um professor que trabalha como complemento é um recurso a mais. Agora eu sempre trabalhei como tópico na minha aula o aluno vai pegar o livro ele faz trabalho sobre esse livro, ele conta o que ele leu, a gente desenvolve a partir daí, mas isso tá muito próximo a minha história de trabalho. Então, Pra mim é um coisa que faz parte não consigo ver desvinculado.

Quais as cobranças feitas aos alunos e professores que estavam envolvidos nesse projeto na rede no ano que você trabalhou?

Então, isso aí é uma coisa meio complicada. Porque pra você cobrar os professores é um negocio complicado.

Tinha cobranças?

Eu acho que não existe um mecanismo de cobrança a cobrança que agente fazia era de uma forma primeiro tentando conscientizar o professor. Como que eu posso querer cobrar uma pessoa, um professor em relação ao meu trabalho se ele não é um leitor consciente. Se ele não tem o hábito de ir a biblioteca pegar o livro. Como é que eu vou cobrar esse cidadão que ele precisa fazer este trabalho. Se ele mesmo não tem esta história. Então agente tem que lhe dar muito com esta história da formação do professor, né. Nós culturalmente nós não temos o hábito da leitura. A leitura é uma coisa que realmente é eletizada mesmo no nosso país. A leitura dos livros clássicos agente tem aí o pessoal manuseando o material didático, mas não é deste tipo de material que eu falo eu falo realmente da leitura como fonte de conhecimento fonte de prazer mas não simplesmente como fonte de trabalho como é o livro didático. Então eu acho a cobrança era complicada.

Eu tentava fazer, conscientizar os professores deste trabalho. Procurava seduzi-los. Eu trazia, levava as pessoas pra dentro da biblioteca e lá eu procurava conversar e mostrar o acervo e registrava o gosto das pessoas. Ah eu não gosto de romance, outro gosta de história, outro gosta de história da Grécia. Então eu ia a medida que eu ia encontrando o material eu já ia separando deixando os nomes, quer dizer, e as pessoas acabavam vendo pela minha dedicação de eu ter lembrado né, e elas acabavam lendo e iam comentar o que leram quer dizer então aos poucos eu fui tentando seduzir pra poder conquistar esses leitores e esses profissionais. Os alunos eu já acho que era mais fácil porque a gente promovia programa biblioteca promovia é concurso de conto chegou a promover concurso de histórias em quadrinhos, desenhos. Então a criança era

cobrada sem ela perceber. Agora eu acostumava a conversar, né. Existia professores que procuravam fazer um trabalho em conjunto.

Tinha uma professora da segunda série que ela fazia uma fichinha de leitura, então a criança lia e colocava lá dados básicos como nome do autor, o que faz os personagens depois ela ia lá na frente fazia uma apresentaçãozinha, uma coisa assim que não tinha caráter, um perfil de cobrança mas que era uma forma de tá fazendo essas crianças participassem, né. Eu ia lá escutar, depois contava uma história, lia uma outra história, quer dizer, então era uma forma de tá ali uma cobrança, uma prova. Como no meu tempo a gente ia pra pegar os paradidáticos e fazia a prova. Não me esqueço quando eu estava na oitava série fui obrigada ler Dom Casmurro de Machado de Assis e não sabia o que era adultério. Na hora de fazer a prova eu fiquei enrolada no adultério, quer dizer, isso me marcou muito esta cobrança da prova. Acho que a cobrança ela tem que existir de uma forma uma outra cara, né. Primeiro a gente tem que trabalhando com a consciência. Eu acho que a leitura tem que ser trabalhada com prazer, esse negócio de cobrar simplesmente porque tem uma nota isso é matar o leitor. Tem que ser assim no prazer mesmo. Ah, eu li, gostei. A gente tem casos aqui na escola mesmo de alunos que leram quase que todos os romances. Estão aí desde a quarta-série e quinta série pegando e foi indo pelo estímulo do professor, pelo estímulo do professor que estava trabalhando na biblioteca continuaram lendo e foram indo, quer dizer, tem alunos aí que já leram quase todos os romances que nós temos e que não são poucos. Eu acho que a cobrança não é uma coisa legal, ela tem que ser muito bem trabalhada. Cobrar toma um caráter muito autoritário. Eu acho que agente quer conquistar leitor a gente tem que conquistar pelo prazer, né, dá a oportunidade de manusear o livro, de ele sentir o livro. Eu sinto muito quando eu penso isso num texto chamado, Felicidade Clandestina, então se puder ou se não conhece, leia. Deve ter lá na biblioteca este texto, no banco de textos, que é a relação da menina que descobre o livro, o prazer de estar com o livro, né. Se eu não me engano é da Clarice Lispector. É um negócio assim muito bacana, sabe. Eu acho que é por aí a felicidade clandestina. Prazer de estar com o livro, ela descobre o livro como se fosse um amante. Então não dá pra, eu acho que a cobrança é uma coisa muito autoritária quando você está querendo trabalhar com formação de consciência, formação crítica.

Você sentia cobrança do programa com você no seu trabalho, tinha cobrança do programa de bibliotecas no seu trabalho?

Sim, eu acho que até tem que ter, porque senão como é que nós vamos apresentar nosso trabalho, existe um compromisso, e quando a gente vai para o programa de biblioteca a gente sabe que a gente sabe o que tá sendo feito, desde a organização da biblioteca, a organização dos acervos, a ida dos alunos, é uma coisa que o programa sempre cobrou muito foi a participação de todas as classes, com horários estipulados, isso é muito importante, porque numa escola com 2 mil alunos se você não tiver um horário estipulado, uma cobrança, uma classe, duas classes não vão participar, então eu acho que essa cobrança existiu e foi muito importante porque senão as coisas fogem desse controle né, a gente tá querendo formar leitor, é um trabalho remunerado, um trabalho de quem está na biblioteca, então tem que haver uma cobrança como o nosso trabalho em sala de aula. A gente tem que dar conta e que tem prestar conta do que está fazendo, né. Achei que a cobrança ela até que foi muito amena eu seria até mais incisiva em algumas coisas.

Como era feita a seleção dos livros para os leitores?

Bom, a gente acostuma, eu costumava lhe dar com o próprio programa, dos coordenadores do programa de separar mais ou menos por idade, né. Agora isso não impedia que um aluno que tivesse começando a ler e quisesse pegar um livro maior um livro que não fosse da faixa etária dele pegar. Ele tinha todo o direito e eu estimulava a levar mesmo porque eu tenho um exemplo do meu filho que tem cinco anos e ele pegou um dia os Sertões de Euclides da Cunha e ele queria ler e ele queria ler! Como é que você vai ler? Eu pensei. Como? Na verdade, ele queria, ele tinha assistido o Castelo Rati Bum uma cena que se passa dentro da biblioteca e que o gato, o gato que é o bibliotecário lá do Castelo Rati Bum pega o livro do doutor Vitor, um livro de magia que era um livro mais grosso que tinha. Então quer dizer, se de repente eu impeço ele de trabalhar esse lado da imaginação dele de pegar um livro, porque era o meu livro O Sertões, e era um livro que ele poderia estragar ou ele não ter condições de ler, claro que ele não teria condições de ler mas ele teve pelo menos o prazer de pegar e quem disse que a criança que vem para a biblioteca e quer levar o livro mais grosso, o livro mais pesado não é para brincar? Não é no sentido de ter o prazer de pegar o livro e falar esse

o meu livro é de mágica, é o livro do doutor Vitor. Quer dizer, eu sempre deixei levarem mesmo os adultos a levarem livros infantis porque são etapas que foram queimadas na formação deles de leitores por isso eles não tiveram oportunidades de ler esses livros mais infantis. Então, eu deixava por idade, mais ou menos por faixa etária mas sempre deixei eles a vontade o que eles tiveram. Depois eu procurava a conversar somente quando eu percebia que a mesma criança sempre pegava o mesmo tipo de livro. Procura estimular a avançar um pouco no nível de leitura, né. E mesmo o adulto sempre procurando, deixando ele a vontade mas procurando orientar essa leitura que eu acho isso importante. Deixar simplesmente ele levar só o gibi para casa? O gibi é legal, gostoso, mas sempre é só isso que ele vai ler? As vezes ele não leva uma outra coisa porque ele não teve com quem conversar. Alguém que fale - olha este livro de repente você vai gostar tem um assunto interessante. No caso de uma aluna aqui no supletivo, que ela ia lá e namorava os livros de culinária de uma coleção. Nunca, ninguém pegou aqueles livros, mas ela queria. Por que? Ela pedia para levar para casa, ela copiava as receitas porque ela fazia salgados para fora. Agora que direito tenho eu de impedir uma pessoa de tentar descobrir uma outra forma de ganhar a vida e de conhecer o mundo. Quer dizer, eu acho que a gente tem que orientar e tá dando dicas, né. Mas estimular o que pegar o que ele acha interessante.

Agora quais foram as suas dificuldades e suas facilidades nesse trabalho durante o ano de 2000 na biblioteca?

A dificuldade foi o pouco número de horas, era muito pouco a pesar de eu ter 48 horas aulas. Era insuficiente para trabalhar. Tinha mais pessoas com um grande número porque o tempo era pequeno, era curto pra gente dar conta de toda a escola. Uma outra coisa que eu senti dificuldade é o espaço da biblioteca está ficando pequeno para o tamanho da escola. A falta de informatização da biblioteca, essa coisa de ficar procurando a fichinha de 2000 mil alunos por semana que passam é um trabalho assim insano e poucas pessoas pra tá trabalhando, né nós éramos em três pessoas, eu com quarenta e oito horas aula e os outros dois com oito e o outro com cinco horas. Mas mesmo assim não dávamos conta. A saída que a gente encontrou e que foi umas coisas muito positivas que aconteceu foi de tá chamando alunos como monitores para que eles aprendessem o trabalho de como encapar um livro, ajudar a restaurar, ajudar a fazer bolso, fazer ficha, ele ia pra sala pra chamar as crianças, ajudava a organizar a entrega

dos livros. Isso foi legal porque eles aprenderam um outro tipo de relação com a biblioteca não apenas aquela que de quem entrava para pegar o livro mas aquele que também entrava pra trabalhar. E um deles inclusive, saiu da escola ele veio esses dias aqui e ainda comentou – olha! Fala para o pessoal da biblioteca se precisar de ajuda eu venho ajudar viu? Eu falei não pode deixar que eu passo para elas eu tô passando o recado. Então eu achei que isso foi uma coisa muito legal, essa facilidade foi o acesso fácil, aceitabilidade dos alunos. Uma dificuldade que também eu senti que atrapalhou muito o trabalho é o corpo docente não tá acostumado com biblioteca. A gente percebe que as pessoas não tem hábito de biblioteca. Então acham que biblioteca é você vai e você pega a hora que você quer, você devolve quando você quer. Numa escola com mais de sessenta professores, não houver um controle rigoroso do acervo, o acervo se perde. E não que as pessoas façam por maldade, porque é uma coisa cultural elas não estão acostumadas com o que é biblioteca. Então a gente acostuma a falar com qualquer coisa que fica de pé as pessoas acham que é livro. Nem sempre, né. E acabam levando, achando que pode tá utilizando o material de uma forma como se fosse só ela utilizar, né. A maneira de manusear o livro, os cuidados, o local. A biblioteca sempre foi um espaço muito agradável pra se comer, pra tomar lanche, tentar explicar para as pessoas que ali é um local onde não pode acontecer um tipo de coisas por causa de propagação de insetos, de roedores, era difícil, as pessoas não conseguiam entender e muitas vezes achavam que era implicância, né de quem tava na biblioteca, mas são regras que a gente tem que colocar se não funciona. Essa falta muitas vezes de colaboração, as pessoas se sentem mais ou menos dona e chegam por exemplo, a diretora amiga da nossa diretora precisa de um livro vem aqui e pedi a chave e abre e leva o livro embora e não dá satisfação para a biblioteca. Isso acontecia muito, são pessoas enfim, essa cultura de sou amiga da diretora, é só livro, o que é livro? Sabe? Como se fosse uma coisa de menos valor que ninguém vai dar importância. Isso foi um dos maiores problemas. Os outros acho são contornáveis.

BIBLIOTECA NA ESCOLA

JUSTIFICATIVA: A importância de ler:

Pensar a leitura na escola implica discutir esta escola, refletir as relações que se estabelecem a partir da concepção de linguagem e de leitura que fundamenta a prática de cada professor no seu dia a dia e conhecer as relações que os alunos constroem com o ato de ler. A escola, a família a igreja, os meios de comunicação de massa constituem, hoje, verdadeiros socializadores da interpretação lingüística (pedagógica), na medida em que são formadores dos indivíduos.

Quem são os leitores? os leitores têm que se sentir como sujeitos-leitores, como personagens, como interlocutores e cúmplices.

Numa sociedade como a nossa ler torna-se fundamental não só como passaporte garantido ao usuário na produção cultural, mas como instrumento para aquele que precisa assinar contratos, ler bulas, procurar empregos, ler e interpretar jornais e o que lê, em todos os campos culturais, informativos, documentais, políticos, literários, necessários para a reflexão, luta e opção.

À escola cabe não mais a transmissão do conhecimento, mas a responsabilidade, entre outros, pela formação do leitor.

Na escola deve existir dois tipos de biblioteca:

A biblioteca de classe:

- livros que o professor deve ter em sua sala para leituras dos alunos em rotinas preparadas pela dinâmica da sala; livro da sala que pode ser escolhido pela turma ou pelo professor para trabalhar de forma programada (como um conteúdo que o professor pretende trabalhar e encaixa o livro, este livro também pode fazer parte da biblioteca da escola); leitura programada para ler um livro por semana, em sala de aula, com horário programado; livros que podem ser lidos por capítulos por dia; livros que devem ser lidos pelo professor interativamente (interrompendo durante um conflito, uma dúvida ou uma situação inesperada); outras formas de leitura que o professor julgar pertinente para os avanços no trabalho;

A biblioteca da escola:

- nos procedimentos necessários para a busca de informações e consultas a fontes de diferentes tipos, necessários para a prática da pesquisa;
- no manuseio e leitura de livros na biblioteca;
- a ouvir e manifestar sentimentos, experiências, idéias e opiniões;
- a compartilhar idéias e preferências sobre leituras realizadas, demonstrando autonomia;
- a valorizar a leitura como fonte de fruição e entretenimento;
- a respeitar e entender as regras necessárias para o bom funcionamento do espaço da biblioteca bem como o seu acervo;
- a melhorar a sensibilidade para reconhecer e questionar conteúdos discriminatórios;
- no empréstimo de livros e nos cuidados que se deve ter para com o acervo da biblioteca;
- compreender o sentido nas mensagens orais e escritas de leitura, atribuindo significado, identificando elementos possivelmente relevantes segundo os propósitos e intenções do autor;
- formação da hemeroteca;
- integrar temas livro/vídeo, visando uma análise das obras em relação ao entendimento do autor e do diretor do filme;

3- colaborar com o professor:

- no conhecimento do acervo da biblioteca, propiciando momentos para que ele possa conhecê-la;
- ajudá-lo a conhecer os procedimentos necessários para que os alunos possam realizar bons trabalhos em grupo ou individualmente;
- ajudar na integração entre as áreas, por exemplo, um tema sobre corpo humano, não deve se restringir apenas ao conhecimento biológico, mas colocar o tema a serviço da compreensão da sexualidade e do respeito à diferenças, buscando assim, ajudar o professor com os materiais que a biblioteca possui;
- pode ajudar o professor a ter uma relação entre as disciplinas, numa abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento;
- ajudar o professor na organização dos materiais que a biblioteca possui para a pesquisa dos trabalhos.

Estratégias:

- participar dos GTs, para buscar assessoramento para o trabalho a que nos propomos;
- visitas às salas de aula para convidar os alunos a irem para a biblioteca, mostrando que devem buscar no local um lugar para momentos agradáveis com os livros;

- promover concursos literários, histórias em quadrinhos, reproduções por desenhos de histórias lidas ou contadas, podendo os mesmos serem expostos na escola no momento da Escola Aberta, conforme proposta do PP. ;
- comparecer aos TDs. dos professores para refletir, avaliar e concretizar as propostas acima descritas;

Material Necessário:

- acervo de boa qualidade, contamos com a doações de editoras, compra pela APM, se for possível, compra de livros para a melhoria do acervo feita pela PMC, que colocou em seu programa de partido que a gestão é participativa e portanto o dinheiro será empregado nas melhorias que a comunidade achar necessárias, utilização da verba do Programa do Governo Federal "Dinheiro na Escola" (mas somente no final do ano);
- assinatura de pelo menos um jornal, num número mínimo de 10 exemplares, para que possam ser utilizados pelos professores e alunos. O pagamento da assinatura do jornal deverá ficar a cargo da PMC.

Avaliação:

- será diagnóstica, feita pelo grupo de professores responsáveis pela biblioteca, pelo grupo de profissionais da escola, pelos usuários e pela direção de forma a permitir correções, caso necessário;
- nas avaliações do PP., conforme calendário;

Público Alvo:

- todos os alunos da escola, num total de 1600 alunos; sendo o atendimento para la. `4a. série do ensino fundamental e ensino supletivo.

Organização:

- serão necessários 8 professores em turnos de turnos de 12:00h/a cada um, sendo que a cada 15 dias deverá ocorrer uma reunião na escola com o grupo de professores envolvidos no trabalho junto à biblioteca para que possam, juntos, ir fazendo os encaminhamentos para os problemas que foram surgindo.

Cronograma:

- será preparado com o grupo dos envolvidos durante o início dos trabalhos. E contará com no mínimo as seguintes atividades: organização da biblioteca; pesquisa e atendimento aos alunos; roda para contar histórias; atendimento aos professores; comparecimento do grupo nos TDs; confecções de varais com trabalhos relacionados à datas comemorativas; concurso de história em quadrinhos e poesias;
- o professor responsável pela biblioteca, deverá estar preocupado com a formação do leitor e não só isso, mas considerar a leitura como desencadeadora de processos cognitivos, de diálogos interiores, de reflexão, de crítica e de partilha;
- a formação do leitor, acaba trazendo a dicotomia em duas posições: formar o hábito de ler ou formar o gosto(prazer) de ler. A formação pelo hábito traz conotações pejorativas de atividade que se adquire artificialmente pela repetição e pelo condicionamento ou atividade feita compulsivamente, a despeito de qualquer vontade. Falar da formação do leitor por prazer, tem fundamentação na psicologia motivacional, acredita-se, que através de estímulos agradáveis, provocadores de reações também agradáveis nos sujeitos em determinadas situações e condições, conseguem-se comportamentos desejáveis com leitura. O ato de ler exige esforço, dedicação, competência e diálogo, portanto, não estamos achando que o ler só pelo prazer do prazer, é a única possibilidade possível de leitura, pois isso significaria dizer, em última instância, que podemos estar incentivando o consumo desenfreado pelo " produto" livro. O que queremos dizer é que o leitor deve ser incentivado a ler enquanto comportamento cultural assumido com uma certa frequência.
- Cabe à escola refletir junto com seus pares o compromisso da educação com a formação do leitor, a instauração da leitura não pode vir como um hábito imposto, nem como um ato provocado, induzido e descompromissado, mas como um ato político e democrático, na medida em que significa decisão, leitores que devem ser considerados como cidadãos e não como consumidores.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Os profissionais responsáveis pela biblioteca da escola deversos:

1- utilizar estratégias de leitura:

- como um recurso para que o leitor possa aprender os procedimentos de avaliar e utilizar as informações contidas nas leituras;
- como um recurso para o aluno entender que a antecipação permite supor o que ainda está para vir numa leitura e permite a inferência que permite ao leitor captar o que não está dito explicitamente, mas que se conclui ligando certos dados fornecidos pelo texto que se está lendo;
- contar histórias nos momentos de visitas das classes à biblioteca de forma a propiciar momentos agradáveis de leitura, pois escutar histórias, é o início da vida do leitor.

2 - ajudar o aluno:

atividades que forem sugeridas pelos professores e usuários da biblioteca.

Campinas, 05 de março de 2001

Assinatura dos participantes:

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE PROJETOS ESPECIAIS

PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES

1997

1. OBJETIVO GERAL

Ampliar o conceito de biblioteca escolar, tornando-a o Centro de Cultura e Referência da escola, promovendo a leitura de estudo, de informação e de prazer a toda comunidade escolar.

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

*Promover eventos relacionados com todas as disciplinas, contemplando o Projeto Pedagógico de cada U.E.

*Formar uma biblioteca do professor em cada U.E.

*Atrair os professores e alunos para a utilização da biblioteca.

*Assegurar os trabalhos das bibliotecas a toda a comunidade escolar de cada U.E., bem como o Supletivo.

*Oferecer espaços de leitura dirigida à toda U.E.

3. METAS

*Ampliar o número de escolas participantes do Programa Bibliotecas Escolares para as escolas de Educação Infantil e Supletivos, abrangendo todas as UEs da Rede Municipal de Ensino.

*Ampliar os acervos de literatura, do pré à 8ª série.

*Ampliar os acervos de referência das bibliotecas:

5 dicionários de bolso de Português para EMPG

1 dicionário de bolso de Português para EMEI

2 dicionários de bolso de Inglês para EMPG

1 enciclopédia (volume único) para EMEI

1 enciclopédia Barsa para a EMPG

***Iniciar um Sistema de Bibliotecas Públicas Escolares Municipais interligado via computador. (SME)**

***Dividir os GTs (Grupos de Trabalho) em grupos mensais: 02 de Educação Fundamental e 03 de Educação Infantil.**

***Fornecer material para as bibliotecas desenvolverem os seguintes eventos:**

"O patrono da escola/ A origem do nome da U.E." (no mês de aniversário)

"Semana da Consciência Negra" (novembro)

***Promover Seminário e Mostra de Trabalhos**

III SEBES Seminário de Bibliotecas Escolares (julho)

IV Mostra de trabalhos das Bibliotecas Escolares (outubro)

***Produzir os seguintes materiais:**

Pasta sobre Educação

Jornal da Biblioteca

Material em Braille para bibliotecas

***Promover Concursos:**

I Concurso de Histórias escritas por Professores (todos os professores das escolas) - Junho

I Concurso de Varal Poético (para professores das Bibliotecas) - Abril

IV Concurso de Histórias escritas pelos alunos das escolas de 1º grau - Agosto

IV Concurso de Histórias em quadrinhos para os alunos das escolas de ensino infantil - Agosto

***Promover Troca de Experiência:**

Visita a uma das Bibliotecas Escolares

4. FUNCIONAMENTO

***Assessoramento da Equipe:**

*As bibliotecas escolares serão visitadas, no mínimo 2 vezes, no ano. O atendimento também poderá ser feito pessoalmente no CEFORMA (com hora marcada, devido às visitas) , ou pelos telefones 2350477/2350411/2350374.

***Grupos de Trabalho:** serão mensais com 3h/a de duração, totalizando 10 encontros. Serão expedidos certificados de 30 h/a aos professores que possuírem 9 presenças . Não serão aceitos atestados de LTS ou outro qualquer para efeito de

certificado. O professor que faltar a 3 encontros sem nenhuma justificativa, será excluído.

***Local e horário dos GTs:** será entregue um calendário no primeiro GT. A tolerância, na entrada e na saída dos professores, nos GTs, será de 15 minutos. Passado esse tempo, serão descontados em 1 h/a; 3 atrasos serão considerados como 1 falta, para efeito de certificado.

***Número de horas semanais de cada professor no projeto será:**

No mínimo 8 e no máximo 12 para EMPG e Supletivo.

No mínimo 6 e no máximo 12 para Educação Infantil.

*O número de professores, na biblioteca, dependerá do número de alunos e períodos da UE.

5. PERFIL DO PROFESSOR PARA O PBE

O professor deverá ser:

- * bom leitor,
- * assíduo, tanto na U.E. quanto nos GTs,
- * comprometido com a escola,
- * dinâmico, criativo e informado,
- * líder e socializador de informações.

6. CRITÉRIOS PARA PARTICIPAÇÃO DO PROFESSOR NO PBE

* Frequentar o G.T. (condição básica para o professor desenvolver o projeto na escola).

* Trabalhar num horário em que possa atender toda a escola.

* Não fazer mais que 5 h/a de projeto por dia.

* Os horários de trabalho dos professores não deverão ser o mesmo, exceto em casos esporádicos para organização de alguma atividade na biblioteca.

7. ABRANGÊNCIA DO PROGRAMA

O Programa engloba 5 pontos:

- * alunos
- * professores
- * organização
- * eventos

* hora da leitura (fora do horário de aula do aluno, por série, com convite aos interessados)

Atenção: Todos os professores participantes deverão realizar os 5 pontos acima descritos.

8. Atividades que deverão ser desenvolvidas pelo professor no Programa Bibliotecas Escolares

* Empréstimos de livros a todos os alunos, professores e funcionários, pelo menos semanalmente;

* Atendimento a pesquisa escolar diariamente;

* Organização diária da biblioteca (livros, discos, revistas, fitas...);

* Organização de pastas de recortes (diariamente);

* Exposições dos materiais existentes na biblioteca por disciplinas (mensalmente);

* Organização de murais e exposição de materias relativos a datas comemorativas

nas escolas como:

Monteiro Lobato (abril)

Índio (abril)

Mãe (maio)

Folclore(agosto)

Carlos Gomes (setembro)

etc.

* Organização dos eventos:

O Patrono da Escola/ Origem do nome da U.E. - no mês de aniversário

Semana da Consciência Negra - novembro

* Hora da leitura (semanalmente haverá um horário divulgado com antecedência, onde será feita a leitura de um texto pelo prof. da biblioteca).

*Patrocinar os concursos na escola:

Concurso para professores

Concurso para alunos

Concurso para prof. das bibliotecas.

9.SERVIÇOS PRESTADOS PELO PBE

VARAL POÉTICO (painéis com poesia e ilustrações)

Objetivo: Socializar na escola o gênero literário poesia

Sistema de empréstimo: agendamento com a equipe de Coordenação do PBE.

BANCO DE TEXTOS

Objetivo: Fornecer alternativas de leitura e de atualização ao professor

Sistema de Empréstimo: retiradas antes e depois de cada G.T.

OBSERVAÇÕES:

O Varal Poético e o Banco de Textos são atividades voluntárias, não obrigatórias. Serão doados 30 livros para as U.E.s que mais retiradas fizerem destes materiais: B.T. (15 para Ed. Infantil e 15 para Ed. Fundamental) e V.P. (15 para Ed. Infantil e 15 para Ed. Fundamental).

10.PROGRAMAÇÃO DOS GTs

Os GTs estarão assim divididos:

10 encontros:

5 palestras

3 oficinas

1 avaliação e premiação do concurso para professores

1 troca de experiência

**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO TÉCNICO PEDAGÓGICO
COORDENADORIA SETORIAL DE
PROJETOS E PROGRAMAS ESPECIAIS
PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES**

PLANEJAMENTO/1999

*"O direito de ler significa
igualmente o de desenvolver
as potencialidades intelectuais e
espirituais, o de aprender e progredir."*

Richard Bamberger,
in *Como incentivar o hábito de
Leitura*, Editora Ática, São Paulo,
1995.



PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES

Responsáveis: **Prof. Valmir Aparecido Contiero**
Profa. Maria Lúcia Bachlega

1. APRESENTAÇÃO

A Biblioteca Escolar não tem a mesma organização e estrutura de uma biblioteca convencional, e deve estar integrada ao Projeto Pedagógico da escola, servindo de apoio ao trabalho de sala de aula. Deve conter um acervo adequado às necessidades dos alunos, que inclui, além do livro, arquivo de notícias, pastas de recortes, textos diversos, e amplo material paradidático. Além de a Biblioteca estar devidamente aparelhada para cumprir o seu objetivo, é necessário que haja um profissional preparado e com condições de explorar as potencialidades que ela oferece.

Dado que as escolas municipais de Campinas tinham ainda pouca estrutura para o trabalho regular e constante de leitura e para o uso da Biblioteca escolar, a SME criou, em 1993, o Programa Bibliotecas Escolares com o propósito de integrar, estimular, redirecionar e articular as experiências isoladas de Bibliotecas escolares desenvolvidas na R.M.E.

Até 1997, tivemos um cuidado maior com o espaço e a organização das Bibliotecas; ao mesmo tempo, buscávamos refletir sobre como promover a dinamização daqueles espaços e, também, como incentivar a comunidade escolar, sensibilizando-a sobre a importância da leitura.

A partir de 1998, estamos priorizando uma reflexão maior sobre o papel da leitura nesse contexto, direcionando todo o trabalho para este fim.

2. OBJETIVO GERAL DO P.B.E.

Ampliar o conceito de Biblioteca escolar, tornando-a o centro de cultura, de suporte pedagógico e de referência da Escola, promovendo a leitura de estudo, de informação e de prazer a toda comunidade escolar.



3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO P.B.E. PARA A ESCOLA

O Programa Bibliotecas engloba cinco pontos importantes: leitura, alunos, professores, organização e eventos.

. Dar condições para que as escolas da Rede tenham uma Biblioteca organizada e articulada ao projeto pedagógico.

. Explorar de forma coerente e eficiente o acervo atual e promover sua ampliação.

. Ampliar a Biblioteca do professor com acervo específico para o trabalho pedagógico.

. Despertar, através das atividades da Biblioteca, o gosto pela leitura de toda a comunidade escolar.

. Garantir o trabalho das Bibliotecas (empréstimo, pesquisa, consulta) para toda a comunidade escolar.

. Promover eventos (como por exemplo: exposições, concursos, palestras, feiras de livro, teatro) relacionados com todas as disciplinas, contemplando o Projeto Pedagógico.

4. METAS DO P.B.E.

. Implantar espaços de Biblioteca em toda a Rede Municipal de Ensino.

. Contribuir com a ampliação do acervo de literatura das bibliotecas escolares através de campanhas de doação/arrecadação junto a escolas particulares, empresas; e, renovando, também, parceria com a Orquestra Sinfônica para esse fim.

. Fornecer material para as escolas desenvolverem eventos.

. Promover:

. III Concurso de Histórias escritas pelos professores da R.M.E;

. V Concurso de Histórias escritas pelos alunos;

. VI Mostra de trabalhos das Bibliotecas Escolares;

. Visitas de professores a espaços culturais, em São Paulo (Pinacoteca e/ou Memorial da América Latina).

Programa Bibliotecas Escolares - R.M.E.

02/04/2011



6. FUNCIONAMENTO DO P.B.E.

. Assessoramento da monitoria:

Os professores responsáveis pelas bibliotecas escolares são orientados nos G.T.s e nas U.Es., através do trabalho de campo, como também, pessoalmente no CEFORMA, ou quando solicitada.

. Grupos de Trabalho quinzenais (GT): Duração de 03 h/a.

São reuniões centrais, às 6as. feiras (manhã ou tarde) com os professores de todas as U.Es inseridas no P.B.E., distribuídas em oficinas, palestras, trocas de experiências e outras atividades.

Tem como objetivos o estudo e a discussão de temas relacionados à leitura e à biblioteca escolar.

Local dos G.T.s - Academia Campinense de Letras
Rua Marechal Deodoro, 525
Telefone: 2312854

Horários - manhã - 8:00 às 10:30 horas
tarde - 14:00 às 16:30 horas

7. ATIVIDADES BÁSICAS A SEREM DESENVOLVIDAS PELO PROFESSOR RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA

. Integração com os professores e especialistas da U.E. sobre o trabalho da Biblioteca;

. Elaboração do regulamento da Biblioteca;

. Organizar horários para que os empréstimos de livros a todos os alunos, aconteçam, no mínimo, uma vez por semana, dentro do seu horário de aula;

. Organizar horários para: atendimento à pesquisa, organização da biblioteca (murais, exposições, tombamentos e outras atividades), eventos (concursos, feiras de livros, hora do conto) e leituras específicas (bibliografia fornecida nos G.T.s);

. Organização de horários para que os professores da U.E. possam desenvolver atividades com seus alunos na Biblioteca, como: dar uma aula naquele espaço, realizar uma pesquisa, assistir a um vídeo, leitura de jornais, revistas, etc. inclusive em horários em que a biblioteca esteja fechada (agendamento prévio com o professor responsável);

. Levantamento bibliográfico com o professor.



Observação:

Em março de 1997, foi entregue para cada U.E. o Manual de Organização da Biblioteca que deve estar arquivado na pasta de documentos. Caso a U.E. necessite de outra cópia, entrar em contato com a equipe do PBE.

8. OUTRAS ATIVIDADES (Sugestões):

Selecionar as que a equipe da U.E. e o professor da Biblioteca darão conta de realizar durante o ano, fazendo-as constar no formulário do subprojeto.

- . Convidar escritores para conversar com os alunos;
- . Levar os alunos às bibliotecas públicas municipais (contactar pelo telefone 7350423);
- . Levar os alunos para conhecer Livrarias;
- . Formar/organizar a memória da escola;
- . Promover sarau literário (teatro, declamação, música, com a participação de alunos, professores e funcionários);
- . Promover feiras de livros na U.E.;
- . Arrecadar fundos para a compra de livros através de festas (do sorvete, da pizza, da primavera, junina, etc.);
- . Realizar concursos para: nome da biblioteca, slogans, leitor mais assíduo, poesias, cartazes sobre livros lidos, histórias e desenhos;
- . Exposições, inclusive de varais poéticos fornecidos pela equipe do PBE;
- . Projeção de filmes;
- . Produzir jornal ou boletim da escola;
- . Premiação, na U.E., dos alunos vencedores do V Concurso de Histórias.

9. SERVIÇOS PRESTADOS PELO P.B.E.

Empréstimos dos seguintes materiais às Bibliotecas:

. *Varal Poético* (painéis com poesias e ilustrações) para exposição na U.E.
Objetivo: divulgação do gênero literário poesia.

. *Banco de Textos* (textos relacionados com leitura e biblioteca)

Objetivo: fornecimento de alternativas de leitura e atualização do professor.



Sistema de empréstimo: o agendamento de Varais Poéticos e Banco de Textos deverá ser feito com a equipe do P.B.E., nos GTs., ou através dos telefones: 2353068 e 2353309. O professor, o OP, ou a direção da U.E. poderão retirar esses materiais no CEFORMA, após a confirmação da disponibilidade dos mesmos pela equipe. O CEFORMA situa-se na Rua Dr. Betim, 520 - Vila Marieta.

10. AVALIAÇÃO

Ao realizar a avaliação, a U.E. deve levar em consideração que os objetivos geral e específicos são sempre melhor atingidos quando há um envolvimento autêntico da supervisão, direção, orientador pedagógico, conselho, professores, alunos e funcionários.

. O desenvolvimento do subprojeto deverá ser acompanhado e avaliado, constantemente, pela equipe da U.E., à luz do formulário enviado no início do ano para aprovação;

. A equipe do P.B.E. acompanhará e avaliará os trabalhos desenvolvidos na U.E. não só através das discussões nos G.T.s, como também do trabalho de campo, tendo em vista este documento;

. O professor responsável pela biblioteca deverá enviar, no final do ano, um relatório de avaliação à equipe do P.B.E., devidamente assinado pela direção e orientador pedagógico;

. A continuidade ou não do professor no subprojeto dependerá da avaliação da equipe da U.E..

Estão sendo estudadas formas de avaliação, através de pesquisas orientadas por professores doutores, da Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a fim de se verificar as contribuições das atividades das Bibliotecas Escolares na vida escolar do aluno.

11. CONSULTORIA PARA O PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES

. *Gláucia Maria Mollo*

CRB 8/5944

Coordenadora das Bibliotecas Públicas Municipais

Atribuições:

- . Informatização das Bibliotecas Escolares.
- . Seleção e Aquisição de livros.



Funcionamento do Subprojeto na Escola:

O horário de trabalho destinado à realização do subprojeto na Escola deve ser fixo, assim como as reuniões de Grupo de Trabalho (semanais, quinzenais ou mensais) para que não haja prejuízo no desenvolvimento das atividades do subprojeto.

Pontualidade:

Deverá ser mantida pelo professor. O atraso superior a 15 minutos, ou saída antecipada, acarretará a perda de 1 hora-aula na sua remuneração; 4 atrasos serão considerados como 1 falta para fins de certificados.

Certificado:

A porcentagem de frequência aos G.T.s, para fins de certificado, será regulamentada e publicada posteriormente pela S.M.E.





PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO TÉCNICO-PEDAGÓGICO
COORDENADORIA SETORIAL DE
PROGRAMAS E PROJETOS ESPECIAIS**

PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES

PLANEJAMENTO/2.000

*"Olhem, vamos ter
novidade amanhã:
uma história nova
que vou contar,
muito comprida ..."*
Monteiro Lobato

PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES

Planejamento 2000

Responsáveis: *Prof. Valmir Aparecido Contiero*
Profª. Maria Lúcia Bachiega

PLAN 2000

I. APRESENTAÇÃO

A Biblioteca Escolar não tem a mesma organização e estrutura de uma biblioteca convencional, e deve estar integrada ao Projeto Pedagógico da escola, servindo de apoio ao trabalho de sala de aula. Deve conter um acervo adequado às necessidades dos alunos, que inclui, além do livro, arquivo de notícias, pastas de recortes, textos diversos, e amplo material paradidático. Além de a Biblioteca estar devidamente aparelhada para cumprir o seu objetivo, é necessário que haja um profissional preparado e com condições de explorar as potencialidades que ela oferece.

Dado que as escolas municipais de Campinas tinham ainda pouca estrutura para o trabalho regular e constante de leitura e para o uso da Biblioteca escolar, a SME criou, em 1993, o Programa Bibliotecas Escolares com o propósito de integrar, estimular, redirecionar e articular as experiências isoladas de Bibliotecas escolares desenvolvidas na R.M.E.

Até 1997, tivemos um cuidado maior com o espaço e a organização das Bibliotecas; ao mesmo tempo, buscávamos refletir sobre como promover a dinamização daqueles espaços e, também, como incentivar a comunidade escolar, sensibilizando-a sobre a importância da leitura.

A partir de 1998, estamos priorizando uma reflexão maior sobre o papel da leitura nesse contexto, direcionando todo o trabalho para que a Biblioteca seja o centro dinamizador da leitura tendo o envolvimento de toda a equipe escolar.

2. OBJETIVO GERAL DO P.B.E.

Ampliar o conceito de Biblioteca escolar, tornando-a o centro de cultura, de suporte pedagógico e de referência da Escola, promovendo a leitura de estudo, de informação e de prazer a toda comunidade escolar.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO P.B.E. PARA A ESCOLA

O Programa Bibliotecas engloba cinco pontos importantes: leitura, alunos, professores, organização e eventos.

- Dar condições para que as escolas da Rede tenham uma Biblioteca organizada e articulada ao projeto pedagógico;
- Explorar de forma coerente e eficiente o acervo atual e promover sua ampliação;
- Ampliar a Biblioteca do professor com acervo específico para o trabalho pedagógico;
- Despertar, através das atividades da Biblioteca, o gosto pela leitura de toda a comunidade escolar;
- Garantir o trabalho das Bibliotecas (empréstimo, pesquisa, consulta) para toda a comunidade escolar;
- Promover eventos (como por exemplo: exposições, concursos, palestras, feiras de livro, teatro) relacionados com todas as disciplinas, contemplando o Projeto Pedagógico;

4. METAS DO P.B.E.

- Implantar o subprojeto de Biblioteca em toda a Rede Municipal de Ensino, desde que haja interesse da escola, espaço e disponibilidade de professores para o desenvolvimento do trabalho.
- Contribuir com a ampliação do acervo de literatura das bibliotecas escolares através de campanhas de doação/arrecadação junto a escolas particulares, Shopping Outlet (maio), empresas; e, renovando, também, parceria com a Orquestra Sinfônica (17 e 18/06) para esse fim.
- Fornecer material para as escolas desenvolverem eventos relacionados à leitura e biblioteca.
- Propor ações conjuntas com os orientadores pedagógicos a fim de ampliar e diversificar o trabalho de leitura na Escola.
- Promover:
 - IV Concurso Literário (gênero poesia) para professores da R.M.E (entrega dos trabalhos até 15/09);
 - VI Concurso Literário para alunos (entrega dos trabalhos até 30/06);
 - VII Mostra de trabalhos das Bibliotecas Escolares (de 16 a 30/10);
 - Visitas a espaços culturais (datas e locais a serem definidos), para oportunizar aos professores leituras de outras linguagens e ampliar seu universo cultural.
 - Visita à Bienal do Livro, data: 29 de abril, para que os professores se atualizem a respeito de títulos e editoras.
 - Oficinas mensais de leitura aos profissionais da Rede.

- Participar:
 - Oficinas e Palestras na Bienal do Livro em São Paulo, de 28/04 a 07/05;
 - IV Congresso de Leitura-SABER 2000- em São Paulo, de 28 a 30/09.
- Produzir:
 - O Boletim mensal do P.B.E.;
 - Pesquisa sobre as práticas de leitura dos professores da R.M.E.

5. FUNCIONAMENTO DO P.B.E.

- Assessoramento aos professores:

Os professores responsáveis pelas bibliotecas escolares são orientados nos G.T.s e nas Escolas, através do trabalho de campo, como também, pessoalmente no CEFORMA, ou quando solicitada.

- Grupos de Trabalho (GT) duas vezes por mês: Duração de 03 h/a.

São reuniões centrais, às 2^{as} ou às 6^{as} feiras (manhã ou tarde) com os professores de todas as Escolas inseridas no P.B.E.; essas reuniões são distribuídas em oficinas, palestras, leituras, discussões, trocas de experiências e outras atividades, e têm como objetivos o estudo e a discussão de temas relacionados à leitura e à biblioteca escolar.

* Observações:

Teremos 16 encontros:

- 1) O professor deverá comparecer, no mínimo, a 12 encontros a fim de não ser excluído do Programa.
- 2) Para efeito de certificado, o professor deverá ter 90% de frequência, ou seja, 14 presenças.

Local dos G.T.s - Academia Campinense de Letras
Rua Marechal Deodoro, 525
Telefone: 2312854

Horários - manhã - 8:00 às 10:30 horas ou
tarde - 14:00 às 16:30 horas

6. CRITÉRIOS PARA A PARTICIPAÇÃO NO P.B.E.

Os critérios estão na Resolução/2.000, publicada no D.O.M. dos dias: 18, 20 e 21/03.

- Perfil do professor responsável pela Biblioteca: ser leitor, comprometido com a Escola, dinâmico, criativo, líder, socializador das informações, ter um bom relacionamento com toda a comunidade escolar.

Observação importante: *Nem sempre o professor mais antigo, recente ou que já tenha desenvolvido o subprojeto é o melhor indicado para essa função. Às vezes o professor que nunca desenvolveu o subprojeto, mas atende melhor a especificidade acima, é o melhor indicado.*

7. ATIVIDADES BÁSICAS E OBRIGATÓRIAS A SEREM DESENVOLVIDAS PELO PROFESSOR RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA

- Organizar horários para: atendimento à pesquisa, organização da biblioteca (murais, exposições, tombamentos e outras atividades), promoção de eventos (concursos inclusive os promovidos pelo P.B.E., feiras de livros, eventos conjuntamente com outros projetos/programas) e leituras específicas (bibliografia fornecida nos G.T.s);
- Organizar exposições dos materiais didático/pedagógicos para os professores.
- Integração com os professores e especialistas da Escola sobre o trabalho da Biblioteca nos T.D.s, R.P.s e em outros momentos agendados antecipadamente;
- Elaboração do regulamento da Biblioteca com a equipe escolar;
- Organizar horários para que os empréstimos de livros a todos os alunos, aconteçam, no mínimo, uma vez por semana, dentro do seu horário de aula;
- Organização de horários para que os professores da Escola possam desenvolver atividades com seus alunos na Biblioteca, como: dar uma aula naquele espaço, realizar uma pesquisa, assistir a um vídeo, leitura de jornais, revistas etc. inclusive em horários em que a biblioteca esteja fechada (agendamento prévio com o professor responsável);
- Levantamento bibliográfico com o professor antes que ele solicite pesquisa aos alunos;
- Realizar a Hora do Conto;
- Premiar, na Escola, os alunos vencedores do VI Concurso Literário.

Observação:

Em 1997 e 1999, foi entregue às Escolas um Manual de Organização da Biblioteca que deve estar arquivado na pasta de documentos. Caso a Escola necessite de outra cópia, entrar em contato com a equipe do PBE.

8. OUTRAS ATIVIDADES (Sugestões):

Selecionar as que a equipe da Escola e o professor da Biblioteca darão conta de realizar durante o ano, *fazendo-as constar no formulário do subprojeto.*

- Convidar escritores para conversar com os alunos;
- Levar os alunos às bibliotecas públicas municipais, principalmente a da Prefeitura e a Monteiro Lobato (contactar pelo telefone 7350423);
- Levar os alunos para conhecer Livrarias, como a Mega Saraiva e a Mega Siciliano;
- Formar/organizar a memória da escola;
- Promover sarau literário (teatro, declamação, música, com a participação de alunos, professores e funcionários);
- Concurso: o melhor (ou melhores) aluno (s) contador (es) de História.
- Promover feiras de livros na Escola;

- Arrecadar fundos para a compra de livros através de festas (do sorvete, da pizza, da primavera, junina etc.);
- Realizar concursos para: nome da biblioteca, slogans, leitor mais assíduo, poesias, cartazes sobre livros lidos, histórias e desenhos;
- Realizar exposições, inclusive de varais poéticos fornecidos pela equipe do PBE;
- Projeção de filmes;
- Produzir jornal ou boletim da escola;

9. SERVIÇOS PRESTADOS PELO P.B.E.

Empréstimos dos seguintes materiais às Bibliotecas:

. *Varal Poético* (painéis com poesias e ilustrações) para exposição na Escola: agendamento prévio e retirada nos G.T.s.

Objetivo: divulgação do gênero literário poesia.

. *Banco de Textos* (textos relacionados com leitura e biblioteca): retiradas e devoluções nos G.T.s.

Objetivo: fornecimento de alternativas de leitura e atualização do professor.

. *Exposição:* "O livro e seus mistérios I e II" (painéis com frases textos e poesias sobre o livro): retiradas e devoluções nos G.T.s.

Objetivo: divulgação de idéias e conceitos sobre o objeto livro.

. *Coletâneas de Textos sobre Leitura e Biblioteca Escolar I, II (1999) e III (2000):* encomendas-xerox e encadernação.

Objetivo: oferecer textos específicos para leitura e discussões nos GTs, TDs e outras atividades na Escola.

10. AVALIAÇÃO

Ao realizar a avaliação, a Escola deve levar em consideração que os objetivos geral e específicos são sempre melhores atingidos quando há um envolvimento autêntico da supervisão, direção, orientador pedagógico, conselho, professores, alunos e funcionários.

O desenvolvimento do subprojeto deverá ser acompanhado e avaliado, constantemente, pela equipe da Escola, à luz do formulário enviado no início do ano para aprovação;

A equipe do P.B.E. acompanhará e avaliará os trabalhos desenvolvidos na Escola não só através das discussões nos G.T.s, como também do trabalho de campo, tendo em vista este documento;

O professor responsável pela biblioteca deverá enviar, no final do ano, um relatório de avaliação à equipe do P.B.E., devidamente assinado pela direção e orientador pedagógico;

A continuidade ou não do professor no subprojeto dependerá da avaliação da equipe da Escola.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO TÉCNICO-PEDAGÓGICO
PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES

PLANO DE TRABALHO/2001

1. OBJETIVOS DO PROGRAMA BIBLIOTECAS ESCOLARES

A Equipe de Assessoramento deverá:

- a. Fazer um levantamento dos trabalhos das Bibliotecas Escolares a fim de oferecer apoio técnico e pedagógico e reorientar o PBE para o ano de 2002;
- b. Assessorar os professores participantes do projeto;
- c. Assessorar os trabalhos das Bibliotecas Escolares;
- d. Assessorar, por meio de seminários, oficinas, palestras, a todos os profissionais interessados em manter-se atualizados na área de leitura e biblioteca escolar;
- e. Auxiliar na ampliação dos acervos das Bibliotecas.

2. ESTRATÉGIAS

Realização de:

- a. Trabalho de Campo: visitas agendadas com os profissionais envolvidos (professores do projeto, especialistas e demais docentes);
- b. Reuniões periódicas para esclarecimentos de dúvidas, troca de experiências e acompanhamento do trabalho, principalmente para as escolas que não forem visitadas de imediato;
- c. Plantão de dúvidas com agendamento prévio, no CIB-CURVA (Rua Dr. Betim, 520 - Vila Marieta, fones 37350365 ou 32352275), às segundas-feiras, das 9 às 12 ou das 14 às 17h.



- d. Oficinas, seminários, momentos culturais, exposições, visitas culturais.
- e. Boletins informativos.
- f. Campanha de arrecadação de livros em parceria com a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas e o Colégio Notre Dame.
- g. Pesquisa sobre as práticas de leitura dos professores com o objetivo de planejar estratégias que auxiliem na reorientação do PBE para 2002.

Participação em: congressos, seminários e encontros sobre leitura e biblioteca.

3. PROPOSTA DE TRABALHO

Considerando o trabalho que o Programa Bibliotecas Escolares (coordenação do PBE e escolas) vem desenvolvendo, desde 1993, a Equipe de Assessoramento sugere às escolas a continuidade de todas as atividades desenvolvidas, tão necessárias ao trabalho de incentivo à leitura:

- a. Atendimento a todos os alunos no horário de aula (uma vez por semana);
- b. Atendimento a toda comunidade escolar no horário de funcionamento da Biblioteca;
- c. Exposições no espaço da Biblioteca (ou próximo dela) de livros novos ou não (que precisem se destacar), de desenhos e trabalhos dos alunos (Educação Artística e outras disciplinas), de painéis de poesia, de temas ou datas comemorativas, slogans sobre leitura e biblioteca criados pelos alunos, etc;
- d. Concursos literários para professores e alunos (com várias categorias: poesia, conto, crônica);
- e. Mostra de trabalhos (com um tema interdisciplinar, por exemplo);
- f. Semana da leitura (palestra com escritor, oficinas de leitura para professores e alunos, exposição e venda de livros, premiação dos vencedores dos concursos literários, etc);
- g. Pesquisa sobre as práticas de leitura dos alunos (sob a orientação da Equipe de Assessoramento);
- h. Reuniões periódicas, pelo menos quinzenais, para os professores participantes do projeto planejarem as atividades juntos



4. SUGESTÕES

- a. Materiais de Leitura (Banco de texto).
- b. Sugestão de atividades para eventos e trabalhos na Biblioteca.
- c. Indicações de Leitura.
- d. Projetos em parceria com as Bibliotecas Públicas Municipais de Campinas.
- e. Livros em Braille em parceria com o Programa de Educação Especial.

5. ENCAMINHAMENTOS

As Escolas interessadas deverão enviar à Equipe de Assessoramento do Programa Bibliotecas Escolares, a cópia da parte do Projeto Pedagógico da Escola para 2001, relativo ao plano de trabalho para a Biblioteca, constando, inclusive, nome, endereço e telefone da Escola, nome do(a) diretor(a) e do(a) orientador(a) pedagógico(a), quantidade total de alunos, nome dos professores que participarão do projeto, a quantidade de horas que cada um desenvolverá, horário de funcionamento da Biblioteca e a quantidade total de horas do projeto na Escola, até o dia 30 de abril, no CEFORMA, em envelope lacrado, encaminhado ao Programa Bibliotecas Escolares, aos cuidados de Lúcia ou Valmir.

Equipe de Assessoramento:

Valmir Aparecido Contiero e

Maria Lúcia Bachiega (professores responsáveis pelo PBE)

Gláucia Maria Mollo (coordenadora das Bibliotecas Públicas Municipais)



**CRONOGRAMA DE REUNIÕES E OFICINAS DO PROGRAMA
BIBLIOTECAS ESCOLARES ABERTAS A TODOS OS
PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO.**

Local: *Academia Campinense de Letras* (Rua Marechal Deodoro, 525 –
Telefone: 32312854) Horários: 8 às 10h ou 14 às 16h.

REUNIÕES AGENDADAS PARA O 1º SEMESTRE

14 DE MAIO	Biblioteca Escolar e Leitura (principalmente para os iniciantes)
11 DE JUNHO	Folclore
13 DE AGOSTO	a confirmar
10 DE SETEMBRO	a confirmar
08 DE OUTUBRO	a confirmar
19 DE NOVEMBRO	<i>Avaliação final com todos os participantes</i>

OFICINAS

28 DE MAIO	Ler... por quê?
25 DE JUNHO	Refletindo sobre Biblioteca e Leitura
27 DE AGOSTO	Contação de Histórias
24 DE SETEMBRO	Análise de Livros
22 DE OUTUBRO	Várias Leituras, Várias Linguagens

ATENÇÃO: todos os profissionais interessados em participar das **OFICINAS** (professores, especialistas, monitores de creche) deverão inscrever-se pelos telefones 37350365 ou 32352275, com Lúcia ou Valmir. As vagas serão limitadas e o mínimo de participantes para a realização da oficina é de 15 pessoas.

